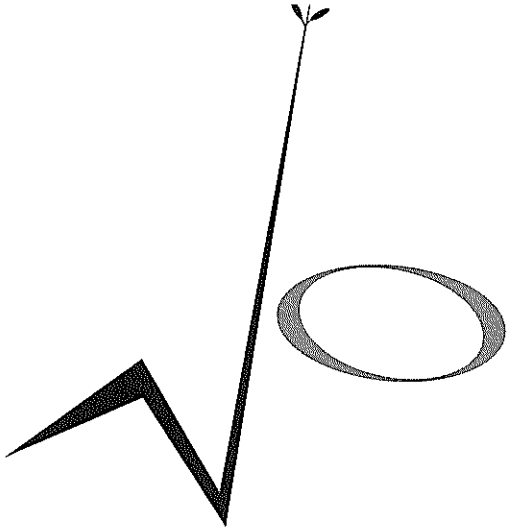
REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS, IV, N. 4, ANO 09, OUTUBRO 2



O ANO DO ROSÁRIO

NOVELLAE OLIVARUM



NOVELLAE OLIVARUM

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
Pe. João Marcos (Director)
Bruno Machado (Sub-Director)
Alexandre Palma
Filipe Santos
Nuno Amador
Ricardo Cristóvão
Ricardo Homem
Rui Martins
Rui Pedro
Valter Malaquias

NOVELLAE OLIVARUM
Revista de Teologia e Cultura
do Seminário dos Olivais

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Seminário dos Olivais
1800 Lisboa
Telf. 219457370
Fax 219457379
Endereço Electrónico:
seminarioolivais.no.sapo.pt
E-mail: novellaeolivarum@sapo.pt

DEPOSITO LEGAL: N.º 2912/83

EXECUÇÃO GRÁFICA
Gráfica Povoense, Lda.

TIRAGEM
1000 exemplares

PREÇO
4,50 €

SAUDAMOS O SANTO PADRE JOÃO PAULO II NO XXV ANIVERSÁRIO DO SEU MINISTÉRIO COMO BISPO DE ROMA E PASTOR UNIVERSAL E DAMOS GRAÇAS AO SENHOR PELO SEU ADMIRÁVEL TESTEMUNHO DE FÉ E DE CARIDADE PASTORAL.

QUE O SENHOR FORTALEÇA A SUA DEBILIDADE FÍSICA E O GUARDE NO SEU SANTO SERVIÇO.

SUMÁRIO

EDITORIAL 7
Bruno Machado

A PROPÓSITO DA CARTA DO PAPA
O ROSÁRIO DA VIRGEM MARIA 11
Pe. João Marcos

MARIA, ARQUÉTIPO DA IGREJA 23
Profª Maria Manuela de Carvalho

MARIA, ESTRELA DA NOVA EVANGELIZAÇÃO 27
Rui Pedro, Filipe Santos

MARIA SERVA E GUARDA DO DOMINGO 39
Arlindo Miguel Jorge

A VIRGEM MARIA NA FORMAÇÃO E NA VIDA
DOS SACERDOTES 47
Pe. Nuno Isidro

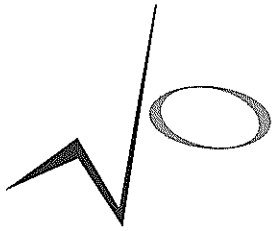
A DIMENSÃO CONTEMPLATIVA DO ROSÁRIO 55
Pe. Luís Rocha e Melo

A ORAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL E SOCIAL:
O Rosário na dinâmica espiritual e social do catolicismo 63
Dr. António Matos Ferreira

O PRINCÍPIO MARIOLÓGICO E O MINISTÉRIO PETRINO EM JCÃO PAULO II 77
Prof. Jacinto Farias

CRÓNICA 85
Tiago Neto

TESTEMUNHO SOBRE OS GRUPOS DE PERSCRUTAÇÃO DA PALAVRA NO SEMINÁRIC DOS OLIVAIS 89



EDITORIAL

Bruno Machado

No Rosário ecoa a oração de Maria, o seu perene Magnificat pela obra da Encarnação redentora iniciada no seu ventre virginal. Com ele, o povo cristão frequenta a escola de Maria, para deixar-se introduzir na contemplação da beleza do rosto de Cristo e na experiência da profundidade do seu amor. (RVM 1)

Dado que a Mãe de Deus não é uma realidade autónoma ou um acrescento à espiritualidade cristã, dizer Maria significa acolher o mistério de Deus em Jesus Cristo e na Igreja. Na verdade, ao longo destes vinte e cinco anos de pontificado, o Papa João Paulo II tem afirmado, incansavelmente, que o mistério de Maria é constitutivo da novidade cristã – falar de Maria é relacionarmo-nos com o seu Filho porque toda a sua existência, desde a anunciação do anjo, está voltada para a presença d' Aquele que acolhe em seu seio virginal.

Pela sua obediência e disponibilidade à vontade de Deus, Maria é a aurora do Novo Dia, da *Luz que vem iluminar as nações* (Lc 2, 32), e esta verdade está materializada nas imagens que a representam com o Fruto do seu ventre nos braços – Jesus é apresentado por Maria aos homens tal como a aurora lhes apresenta o dia. A sua presença no desenrolar da vida e do ministério de Jesus é bem evidente no testemunho da

Sagrada Escritura: Maria está presente com o seu *fiat* permanente, com o seu silêncio operante, com a sua disponibilidade integral, com o seu *stabat* no Tríduo Pascal. Assim, juntamente com os Apóstolos, é a primeira testemunha da fecundidade salvífica do mistério pascal de Jesus Cristo.

A Tradição da Igreja, desde os primeiros tempos, olha com preito para a Virgem Maria, percebe-a intimamente relacionada com a encarnação do Verbo, com o mistério da Redenção, com o surgimento da Igreja primitiva. Venerando-a como Mãe de Deus, acolhe-a como exemplo e toma-a como intercessora e são tantos, no decorrer destes dois milénios, os testemunhos de particular devoção do povo cristão. Mãe de Deus, Maria é também Mãe da Igreja porque o seu testemunho e intercessão, a sua presença actuante na história dos homens, ajuda a formar Cristo no coração daqueles que são d'Ele.

No fim do Ano do Rosário, a *Novellae Olivarum*, oferece aos seus leitores uma reflexão sobre a importância da Virgem Maria na vida dos cristãos e da Igreja. Contemplando-a perscrutamos o mistério de Jesus – não nos desviamos dele porque a sua vida e o seu lugar na reflexão cristã está, naturalmente, tocado pela centralidade cristológica da fé cristã. Neste sentido, procurando perceber o mistério de Maria intercessora inauguramos este número com uma reflexão do Pe. João Marcos a propósito da Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* que marcou este ano pastoral. A oração do Rosário é importante na vida das comunidades cristãs e, em terras de Santa Maria, ocupa um lugar de relevo. O Pe. João Marcos ajuda-nos a entender o lugar teológico da Virgem Maria na espiritualidade cristã e a relevância da oração do terço.

Ícone da Igreja, a Virgem Maria é o seu arquétipo, sobretudo pela total disponibilidade à iniciativa salvífica de Deus; o contributo da Profª Maria Manuela de Carvalho ajuda-nos a perceber isso mesmo, mormente a dimensão teológica do *fiat* mariano. Uma das iniciativas mais fecundas do magistério

do Papa João Paulo II prende-se com o impulso da *Nova Evangelização* – a quem alguém chamou o projecto pastoral da Igreja no terceiro milénio. Presente na acção evangelizadora da Igreja desde sempre, a Virgem Maria está também na *barca que lança as redes no terceiro milénio* sendo um precioso auxiliar no novo ardor evangelizador. Ela, que acolheu no seu seio o Verbo eterno de Deus, está presente na Igreja primitiva que se reúne para a fracção do pão – profundamente eucarística, a atitude de Maria perante o mistério é um anúncio de esperança para aqueles que hoje se reúnem para celebrar os mistérios da salvação. Três alunos do Seminário ajudam-nos a entender a dimensão mariológica do intento profético e celebrativo da Igreja que, aliando a Palavra à Eucaristia, continua hoje a oferecer ao mundo nosso Senhor Jesus Cristo.

A propósito do Ano do rosário, procurámos ainda duas abordagens acerca desta oração secular da Igreja. Assim, o Pe. Luís Rocha e Melo desenvolve a dimensão contemplativa do Rosário, a sua grandeza cristológica e a sua importância na espiritualidade cristã. Ainda sobre a temática do Rosário, o Dr. António Matos Ferreira, para além da abordagem histórica da sua origem e desenvolvimento posterior, incide sobre a sua importância na dinâmica individual e social do catolicismo.

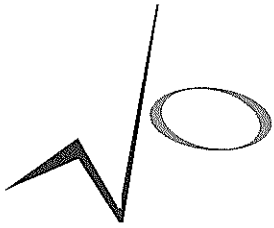
Porque vivemos esta realidade do ministério sacerdotal, em perscrutação da vontade de Deus e na esperança de lhe sermos fiéis na resposta, pedimos ao Pe. Nuno Isidro, Director Espiritual do Seminário de S. José de Caparide, que nos ajudasse a perceber a relevância da Virgem Maria na formação e na vida dos presbíteros. Uma vez que o pontificado de João Paulo II está indissociavelmente ligado à figura da Virgem Maria, solicitámos ao Professor Jacinto Farias uma abordagem relativa a este assunto. Partindo da relação entre o Apóstolo Pedro e a Mãe de Deus percebemos melhor a relevância teológica destes dois pólos de identificação da teologia católica.

Por fim abrimos mais uma vez as portas do Seminário aos nossos leitores relatando, na nossa crónica, os momentos mais

marcantes da nossa vida comunitária, o modo como fomos vivendo este Ano do Rosário marcado pelo dom de novos presbíteros para a nossa Diocese.

Resta-nos entregar este número da *Novellae Olivarum* nas mãos da Mãe de Deus e rogar-lhe frutos fecundos para aqueles que, através dele, poderão perceber e experimentar melhor a sua relevância no mistério da salvação e na vida da Igreja.





A PROPÓSITO DA CARTA DO PAPA *O ROSÁRIO DA VIRGEM MARIA*[1]

Pe. João Marcos
Director Espiritual do Seminário dos Olivais

1. Com a recente carta apostólica *O Rosário da Virgem Maria* João Paulo II surpreendeu a Igreja mais uma vez. Tal como o justo plantado na casa do Senhor de que fala o salmo 92, também ele *dá esplêndidos frutos na sua velhice e continua cheio da seiva do Espírito* para anunciar as maravilhas do Senhor.

Esta carta apostólica vem no seguimento da *Novo Millennio Ineunte* por ele oferecida à Igreja no final do Jubileu que nos convidava a contemplar o rosto de Cristo, para d'Ele partirmos para o novo século e para o novo milénio. O Papa falou-nos aí da medida alta da vida cristã: a Santidade como meta que a todos deve ser proposta corajosamente e para a qual deve orientar-se toda a vida das comunidades e das famílias cristãs (cf. NMI 31), e da necessidade de uma pedagogia da Santidade *capaz de se adaptar ao ritmo dos indivíduos e que deverá integrar as formas tradicionais e as formas mais recentes oferecidas pelas associações e movimentos reconhecidos pela*

[1]Texto apresentado ao Conselho Presbiteral em 19/11/2002 e ao Conselho Pastoral em 7/12/2002.

Igreja (NMI 31). Para esta pedagogia da Santidade, dizia o Papa, há necessidade de um cristianismo que se destaque principalmente pela arte da oração (cf. NMI 32).

É neste contexto que surge a carta pastoral *O Rosário da Virgem Maria* que, no dizer do próprio Papa, é uma espécie de coroamento mariano da *Novo Millennio Ineunte* (nº 3). Trata-se de uma bela e profunda reflexão sobre o Rosário como oração mariana e cristológica. Trata-se de uma verdadeira e exemplar iniciação a esta que é, ao mesmo tempo, uma oração popular e erudita, simples e profunda, fácil e difícil. Depois de lermos atentamente esta carta apostólica vemos o terço com outros olhos e podemos rezá-lo e ensiná-lo a rezar de forma mais proveitosa. Na escola de Maria aprendemos a contemplar Cristo para melhor O conhecermos, amarmos e servirmos.

Nesta breve reflexão começarei por sublinhar alguns aspectos desta carta que mais me tocaram; farei depois algumas considerações sobre a oração do terço na Igreja que somos, e terminarei apresentando algumas sugestões pastorais que me parecem oportunas e exequíveis.

2. Penso antes de mais que esta carta manifesta exemplarmente qual é o lugar e a função de Maria no Mistério de Cristo e da Igreja. Maria é quem nos leva a Cristo e quem no-lo revela, quem nos introduz e nos faz avançar no mistério de Cristo. Sendo figura da Igreja, Maria mostra-nos também a verdadeira identidade da Igreja. Olhando para ela vemos aquilo que Deus quer fazer com todos nós. Sem a Virgem Maria não conhecemos verdadeiramente o que a Igreja é; e sem a Igreja ninguém viverá plenamente o mistério de Cristo. Aqueles que querem Cristo sem a Igreja e sem a Virgem Maria desprezam o Mistério da Incarnação e têm do cristianismo uma visão um tanto islamizada.

Maria é-nos apresentada também como mestra e como modelo da vida cristã. Não é ela o espelho da justiça, o espelho do verdadeiro e justo relacionamento do cristão com Deus, com os outros e com as coisas? Ela é quem melhor nos ensina a viver a vida como filhos de Deus, discípulos de Cristo e membros da Igreja. E se o objectivo da vida cristã consiste em sermos configurados, unidos e consagrados a Jesus Cristo, quem melhor do que Maria, a criatura mais unida e configurada com Ele, nos poderia ajudar nesse caminho de perfeição?

Eu tenho experimentado, ao longo da minha vida, que a presença da Virgem Maria e a oração do terço me ajudam a crescer espiritualmente e me sustentam no exercício deste ministério de presbítero, e qualquer padre poderá certamente dizer o mesmo. Maria viveu com José um matrimónio virginal, e, na medida em que A acolhemos na casa do nosso coração, ela ensina-nos de facto a viver o celibato e o nosso ministério pastoral.

O Papa apresenta-nos Maria também como orante e contemplativa. Como diz S. Lucas, *ela guardava os acontecimentos da vida de Jesus meditando-os em seu coração.* E agora, presente na Igreja como modelo e mestra de oração, Maria propõe continuamente aos crentes os mistérios de seu Filho desejando que sejam contemplados para que possam irradiar toda a sua força salvífica. Quando recita o Rosário, a comunidade cristã sintoniza-se com a lembrança e com o olhar de Maria (cf. nº 11). A oração da Igreja é como que sustentada pela oração de Maria.

3. No seguimento de Paulo VI, João Paulo II sublinha a vertente contemplativa da oração do Rosário destacando assim a sua centralidade cristológica. Quando rezamos o terço é Cristo que contemplamos; meditamos os seus mistérios para

d'Ele aprendermos, para com Ele nos configurarmos, e com Ele cultivarmos uma profunda comunhão; é a Ele que suplicamos e proclamamos como Bendito Fruto do Ventre de Maria. E tudo isto o fazemos guiados e ajudados por Aquela que melhor O conhece, ama e serve.

Apresentando o Rosário como uma das mais belas formas de oração contemplativa desenvolvida na Igreja ao longo do segundo milénio, o Papa chama a nossa atenção para a importância que tem a oração contemplativa como complemento da oração litúrgica para o crescimento e amadurecimento da vida cristã.

A oração contemplativa favorece o crescimento de Cristo em nós e a nossa configuração com Ele. Pela oração contemplativa a liturgia transborda para a vida, de modo a transformar toda a nossa existência num hino de louvor e adoração à SSª. Trindade. A recitação do terço com a meditação dos mistérios de Cristo ajuda a progredir nesta identificação com o Senhor aqueles que já foram enxertados n'Ele pelos Sacramentos da Iniciação Cristã.

Nos mistérios de Cristo, que são também os mistérios de Maria e da Igreja, podemos ver-nos ao espelho e neles encontrar a luz que transfigura os mistérios da nossa vida. A sua meditação adentra-nos na compreensão profunda do mistério da Igreja.

Apraz-me citar aqui, a este propósito, o testemunho de um ex-pastor protestante (Scott Hahn) que no seu caminho de aproximação à fé católica experimentou como a recitação do terço o ajudou a compreender melhor a Igreja Católica.

Senti que a recitação do terço me ajudava a aprofundar na minha própria compreensão da Bíblia. A chave era a meditação

dos quinze mistérios; mas também me dei conta de que a própria oração (do terço) confere uma certa perspicácia teológica para considerar todos os mistérios da nossa fé de acordo com algo que ultrapassa muito – sem a ela se opor – a capacidade racional do intelecto: o que alguns teólogos designaram como "a lógica do amor".

Não falta dentro da Igreja quem despreze o terço como oração própria de gente analfabeta e inculta, incapaz de progredir na vida cristã. E, no entanto, S. Afonso Maria de Ligório afirma que pode medir-se a maturidade cristã de uma pessoa pela importância que a Virgem Maria tem na sua vida. De facto, porque é herdeira de tudo o que o Antigo Testamento diz da Sabedoria criada, a Virgem Maria introduz aqueles que a amam na dimensão sapiencial da vida cristã, própria da maturidade.

Esta carta apostólica constitui toda ela uma esplêndida catequese sobre o Rosário, altamente motivadora pela profundidade da doutrina, pela vasta abrangência do leque de sugestões que apresenta para valorizarmos a sua recitação e sobretudo pelo ardente testemunho do próprio Papa que ali transparece a cada passo.

Nesta iniciação à oração do terço o Papa introduz os mistérios luminosos, a meditar à quinta-feira, preenchendo assim uma lacuna entre os mistérios gozosos e os gloriosos. Cada um destes cinco mistérios (Baptismo do Senhor, Bodas de Caná, Anúncio do Reino, Transfiguração e Instituição da Eucaristia) é revelação do Reino de Deus já personificado no próprio Jesus e a crescer em nós. Tanto quanto sei esta inovação está recebendo um acolhimento caloroso da parte dos fiéis.

Quero sublinhar ainda o facto de o Papa referir o Rosário, por duas vezes (nº 5 e nº 7) à oração de Jesus ou oração do coração que as Igrejas Orientais conservaram e desenvolveram

desde os primeiros séculos até agora: implicitamente, o Papa apresenta o Rosário como sendo um desenvolvimento dessa oração; de facto, têm o mesmo objectivo – a união e a identificação com Cristo – e baseiam-se ambas no método repetitivo que vai abrandando a dureza do coração como a gota de água mole em pedra dura...

Costumamos iniciar os seminaristas na oração do coração e tenho experiência de que, para eles, a contemplação dos mistérios de Cristo no Rosário, guiados pela Virgem Maria, é um desenvolvimento natural da invocação do Nome de Jesus e uma ajuda preciosa no seu percurso de identificação com o Senhor. Quem se habitua à invocação frequente do Nome de Jesus não tem dificuldade de maior em rezar o terço. E não apenas pela habituação ao método repetitivo, mas pela polarização cristológica que é a alma destas duas formas contemplativas de orar.

4. Entre nós, apesar de alguns sintomas de crise, sobretudo na sua recitação nas famílias, a reza do terço é a prática religiosa mais popular dos católicos, logo a seguir à missa. O próprio terço é um objecto muito popular: vemo-lo pendurado no carro de muitas pessoas e serve de identificação: é uma forma simples de alguém se afirmar católico. Para muitos é uma espécie de amuleto, para que Nossa Senhora os livre de perigos, e trazem-no sempre no bolso. Muitos também o usam para rezar.

Dois factores de grande relevo contribuem para manter viva a oração do terço em Portugal: o Santuário de Fátima e a Rádio Renascença. Todos sabemos do lugar importantíssimo que o Santuário e a mensagem de Fátima têm no coração dos católicos de prática dominical e também de outros que, não frequentando muito as paróquias, são paroquianos do Santuário de Fátima, e o frequentam várias vezes ao ano para

irem à missa e rezarem o terço. Também a Rádio Renascença com a transmissão diária do terço mantém viva no povo português esta devoção, ajudando assim a rezar o terço muitíssima gente que sem ela não o rezaria.

Quem reza o terço? O povo simples, pessoas idosas que muitas vezes não sabem outra maneira de rezar, e os cristãos com fé mais adulta. Religiosos e religiosas, padres, seminaristas, leigos que participam em grupos de oração e movimentos (sobretudo naqueles que são mais marcadamente marianos). Nesses movimentos existe quase sempre o compromisso, ou pelo menos o hábito, de rezar o terço diariamente. No Caminho Neocatecumenal, por exemplo, durante a etapa do Pai-Nosso, antes das catequeses sobre o Pai-Nosso e da entrega da oração do Senhor, faz-se uma iniciação à oração do terço e introduz-se a sua prática com uma série de catequeses sobre a Virgem Maria e com uma peregrinação a um santuário mariano.

Jovens e pessoas de média idade que são quem menos frequenta a missa dominical são também, segundo me parece, quem menos reza o terço, sobretudo os que pertencem a estratos sociais mais influenciados pelos meios de comunicação social.

5. Onde e quando se reza o terço? Tanto quanto sei, é sobretudo em viagem que se reza individualmente o terço aproveitando as deslocações, o tempo dos "não-lugares", os momentos diários em que se passa de um para outro sítio, de uma para outra ocupação, de casa para o emprego e do emprego para casa, e sobretudo nas viagens mais longas.

Todos sabemos que, para a maioria das pessoas, hoje é muito difícil encontrar meia hora de paragem no meio dos mil afazeres do dia-a-dia para rezar o terço, para fazer oração

contemplativa. Aqueles que o conseguem experimentam como essa paragem lhes faz render o resto do tempo e os ajuda a realizar melhor as suas tarefas Mas, muitas vezes, a reza do terço fica reduzida à repetição maquinal do Pai-Nosso, da Avé Maria e do Glória ao Pai, porque não há condições para contemplar os mistérios. Faz-se por amor a Nossa Senhora, mais como expressão de uma religiosidade natural e pouco evangelizada que como expressão e meio de avançar no percurso de fé cristã.

Hoje são muito poucas as famílias que rezam o terço. Muitos pais não conseguem transmitir a fé aos filhos que, em muitos casos, deixam de ir à missa logo que entram na juventude. A televisão invadiu o espaço familiar não só na sala e na cozinha, mas também nos quartos de dormir. Por outro lado, os horários desencontrados dos diversos membros da família fazem escassear durante a semana, e também ao Domingo, os momentos em que todos se podem encontrar juntos à volta da mesa e tornam difícil ou mesmo impossível a liturgia familiar da Igreja doméstica em que se cultivam e transmitem a fé e os valores cristãos. Há famílias que conseguem rezar o terço depois do jantar, no mês de Maio. Uma das cenas que mais me surpreendeu quando era pároco de Camarate foi numa família numerosa de cabo-verdianos: depois de jantar e antes de lavar a loiça alguém põe um monte de terços na mesa. Cada um pega no seu e rezam-no, presidindo o pai, a mãe ou um dos filhos mais velhos. Isto, sempre, durante todo o ano, com aqueles que estão.

Nas Igrejas e oratórios, nos meses de Maio e Outubro é frequente a reza do terço, mas durante todo o ano é raro. Em alguns casos as Vésperas vieram ocupar o lugar do terço nos domingos à tarde.

O terço é fácil de rezar. Basta saber o Pai-Nosso, a Avé Maria e o Glória ao Pai e repetir. Mas como se reza? Às vezes

as pessoas nem compreendem o que dizem, Um dia, no fim do terço, uma senhora, que sempre frequentou a Igreja, veio perguntar-me:

– *Senhor Padre, quem é mais antigo: Deus ou Nossa Senhora?*

– *Porque me faz essa pergunta?, retorqui. E ela:*

-- *Eu acho que Deus é mais antigo, mas se nós dizemos Santa Maria, Mãe de Deus... Fico sem saber... Porque se é Mãe de Deus, Nossa Senhora tem de ser mais antiga que Deus.*

Muitas pessoas que rezam o terço não chegam a mergulhar na contemplação dos mistérios ou porque não foram ensinadas, ou porque estão demasiado cansadas, e assim não conseguem passar dessa maneira desalmada de rezar. Para as crianças e para os jovens (falo da minha experiência pessoal e de pároco) o terço é quase sempre muito aborrecido.

Quando era pequeno, quer o rezasse na Igreja quer em casa com os meus pais e irmãs, parecia-me uma eternidade a repetição das Avé Marias. Do que eu gostava mais era do Glória ao Pai e sobretudo da Salve Rainha e da Ladainha que anunciavam o desejado termo daquela função. Às vezes apanhava dos meus pais por me portar mal durante a reza do terço, mas fiquei com esta ideia de que, apesar de ser aborrecido, rezar o terço é tão necessário como regar as hortas no verão, e deve ser coisa muito importante que devemos fazer mesmo sem gosto, mesmo cansados, pois Nossa Senhora veio de propósito a Fátima dizer-nos para rezarmos o terço todos os dias. Nessa altura eu não sabia que os papas insistem, há mais de quatrocentos anos, para que rezemos o terço, nem poderia adivinhar o que motivava tal insistência. Se o *Shemá* é a oração que melhor identifica o povo de Israel, e o Pai-Nosso é a oração comum a todas as Igrejas cristãs, o Rosário é a oração mais tipicamente católica. Rezar o terço é também cultivar a nossa identidade de católicos.

6. Ao proclamar o Ano do Rosário, o Papa convida-nos a *retomar confiadamente nas mãos o terço fazendo a sua descoberta à luz da Escritura, de harmonia com a liturgia e no contexto da vida quotidiana (nº 43).*

A carta do Papa está recheada de sugestões que não temos, penso eu, dificuldade em aceitar, não só por virem de quem vêm, mas também pela sua justeza e oportunidade. A propósito do Ano do Rosário, o Papa insiste connosco para que rezemos o terço e ensinemos as famílias e os jovens a rezá-lo bem para progredirem no conhecimento e no amor a Jesus Cristo, à Virgem Maria e à Igreja. Trata-se de rezar o terço pela paz e pelas famílias. Trata-se de relançar a recitação do terço sobretudo entre as famílias e os jovens. Para nós europeus trata-se também, e o Papa sugere-o discretamente. de despertarmos a consciência da identidade cristã da Europa adormecida na sua apostasia, enquanto vai sendo calmamente invadida pelo Islão. Talvez seja oportuno lembrar que foi o Rosário que congregou a Europa católica no século XVI para repelir o expansionismo do império otomano.

Concretamente, que podemos fazer? Primeiro que tudo ler, assimilar e divulgar a carta do Papa, e dar assim aos fiéis uma nova consciência da importância e da necessidade do Rosário para a vida cristã.

Esta carta apareceu no momento certo, e oferece-nos uma excelente oportunidade para darmos um salto qualitativo na maneira de rezar o terço. O Papa apresenta-se aqui como mestre de oração para a Igreja e, implicitamente, convida-nos a sê-lo também para as nossas comunidades, neste contexto do Ano do Rosário e centrados na recitação do terço. Diz o Papa que *se na recitação do Rosário todos os elementos para uma inculturação eficaz forem valorizados, torna-se, especialmente na celebração comunitária nas paróquias e nos santuários, uma significativa oportunidade catequética que os pastores devem saber aproveitar (nº 17).*

Penso que será de promover a oração diária, ou pelo menos semanal, do terço nas Igrejas e oratórios. Não será muito difícil encontrar grupos de pessoas que a assegurem, e nós próprios, os padres, devemos presidir de vez em quando.

Poderemos aproveitar a carta do Papa para fazer nas paróquias encontros de iniciação à oração do terço. É no âmbito das paróquias que poderemos motivar as pessoas para rezarem o terço em família. Isso, embora difícil, não será impossível de todo, pois muitas têm aprendido a rezar laudes e vésperas. Talvez fiquemos agradavelmente surpreendidos se lançarmos uma boa campanha para se fazer nas famílias a recitação do terço.

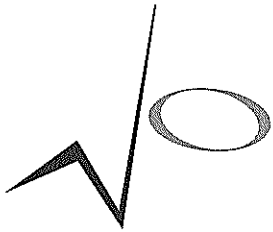
Uma coisa que poderia ajudar seria um cartaz sugestivo sobre o Ano do Rosário. Pelo que tenho visto, muitas paróquias já estão desenvolvendo iniciativas publicando folhetos com os mistérios do terço incluindo os mistérios luminosos, fazendo encontros de iniciação ao Rosário, pondo em destaque a doutrina e as sugestões do Papa.

Quanto à iniciação dos jovens na oração do terço, acredito no que diz o Papa ao falar de uma pastoral juvenil sem descontos, apaixonada e criativa, que ajudará os jovens a pegarem no terço e a rezá-lo com o entusiasmo próprio da sua idade. Há tantos grupos de jovens nas paróquias, tantos agrupamentos de escuteiros católicos... Porque não fazer uma campanha para os ensinar e motivar a rezar o terço? Cada vez há mais peregrinações a pé a Fátima de jovens e de pessoas menos jovens. Neste campo a minha experiência é muito positiva. É possível fazer dessas caminhadas verdadeiros retiros que podem ser aproveitados também como iniciação à oração das laudes, das vésperas e do rosário. E se quisermos a boleia dos tempos litúrgicos para catequizar sobre os mistérios do Rosário podemos aproveitar o tempo do Advento e do Natal para os mistérios gozosos, Janeiro e Fevereiro para os mistérios luminosos, Março e Abril para os mistérios dolorosos, e Maio e Junho para os mistérios gloriosos.

Penso também que neste Ano do Rosário devemos valorizar o Mês de Maio e o Mês de Outubro, e fazer o seu encerramento solene nas paróquias envolvendo as crianças, os jovens e as famílias.

Aproveitemos a doutrina e as sugestões pastorais desta carta, demos às comunidades o nosso testemunho de uma vida espiritual mais profunda, mais autêntica, e não teremos grandes dificuldades para sermos, à imagem do Papa, verdadeiros mestres na arte da oração para aqueles que o Senhor nos confiou, ajudando-os a passar da religiosidade natural pouco evangelizada à Fé cristã, e a crescer como cristãos adultos.





MARIA, ARQUÉTIPO DA IGREJA

Profª. Maria Manuela Dias de Carvalho
Teóloga, Professora da U.C.P.

Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua vontade!

É a fé de Maria que permite a Encarnação do Verbo de Deus. É ela que percorrerá toda a sua relação com o Filho de Deus virginalmente acolhido no seu seio. É ela que acompanhará a missão de Jesus Cristo até à morte redentora na cruz.

O *sim* de Maria foi-o sem qualquer reserva que o maculasse. Por essa razão, nela, o Filho de Deus pôde tomar posse de toda a natureza humana, porque, nela, a natureza humana não lhe opôs qualquer obstáculo.

O *sim* de Maria, que deixa perscrutar quanto Deus a agraciou plenamente[1] em vista da missão que lhe vai entregar, e que permite deduzir uma conceição imaculada indispensável ao pronunciamento do seu sim sem reservas, garante também a sua virgindade. À sombra do Altíssimo que cobre todo o seu ser, o seu coração é sem partilha no amor único da realização do plano

[1] O Anjo chama-lhe *Cheia de Graça-* (Kêcharitômênê) – forma verbal única no NT, um particípio perfeito passivo, a indicar uma acção divina que nela provocou plenamente uma mudança, mesmo antes da encarnação.

Reparemos ainda que o *sim* de Maria é dado à primeira manifestação histórica da Santíssima Trindade. Primeiro, o Anjo anuncia-lhe que Deus[2] a agraciou plenamente; depois, porque Maria pergunta o que significa aquela saudação, o Anjo declara-lhe que Ela conceberá e dará à luz o Filho do Altíssimo; e, finalmente, que será o Espírito Santo que a cobrirá com a sua sombra, de tal modo que o Filho nascerá santamente[3].

É a Trindade divina que se empenha no nascimento do Messias, santificando o seio que o acolhe, e abrindo-o às dimensões universais do plano salvífico de Deus.

A fé de Maria revelada no seu sim é o ponto de partida da fé eclesial. A relação de Maria com o seu Filho é uma longa aprendizagem da amplitude do seu ser eclesial, aprendizagem que partiu da luz intensa da anunciação e do nascimento em Belém, e percorreu a obscuridade própria da fé, até esta estar finalmente amadurecida aos pés da cruz. Na noite da fé, o sim de Maria consistiu em guardar no coração o que não entendia, e em dizer aos homens: *Fazei o que Ele vos disser.* Aos pés da cruz, é a espada do abandono que amadurece, num último grau, o sim eclesial de Maria, tal como é o grito de Jesus Cristo - *Pai, porque me abandonaste* – o último degrau da entrega do Filho ao Pai e aos homens: *Tudo está consumado.*

A radicalidade do abandono conjuga-se com a radicalidade da entrega num esponsal fecundo que Maria acolhe como esposa imaculada sem mancha nem ruga, como diz S.Paulo (Cf 5, 27).

Esposa sem nada de seu, entrega-a o Filho ao centro apostólico da eclesialidade: *Mulher eis o teu filho; filho, eis a tua Mãe.*

O discípulo levou-a para sua casa. E esta é o colégio apostólico. É aí que, num futuro próximo, vemos Maria em

---

[2]Aquele que Ela conhece como judia piedosa.

[3]Cf. a interpretação e explicações do Pe. Ignace DE LA POTTERIE, na sua bela obra, *Marie dans le Mystère de l'Aliance*, Paris 1988, 64ss.

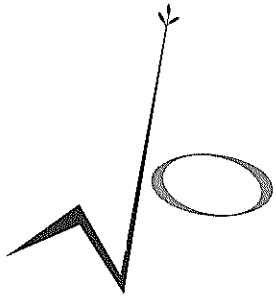
silêncio orante, que gera comunhão.

Quem como Maria acolheu a Palavra de Deus e a pôs em prática, Ela que na sua carne e no seu coração lhe abriu o espaço puro de *sim* eclesial?

A plenitude de graça que a preparou para a encarnação do Verbo de Deus é agora o manto de graça que cobre os crentes – os discípulos do Redentor, porque Maria viveu sem reserva a fé e o amor, e essa vivência é pureza eclesial. Maria é a Igreja pura, a primeira Igreja. Célula definitiva[4] da esponsalidade eclesial, Ela é arquétipo fecundo que gera, na história dos homens, sementes da eternidade, que congrega para o amor divino os filhos desse mesmo amor. Arquétipo fecundo. Mãe da Igreja, Rainha dos Apóstolos, Ela é o *sim* perfeito à obra do único da Trindade que encarnou e morreu pelos homens para lhes dar a participar da vida divina. E ser *sim* a Cristo é ser Igreja no espaço eclesial por excelência de Maria – Mãe de Deus e Mãe da liberdade salvífica dos homens, que é a liberdade eclesial.



[4]Ícone escatológico da Igreja que caminha para a Parusia.



MARIA, ESTRELA DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Rui Pedro Carvalho
Aluno do 6º Ano
Filipe José Rocha
Aluno do 5º Ano

O papa Paulo VI apresenta-nos Maria como a estrela da Evangelização *na Evangelii Nuntiandi: Na Manhã de Pentecostes ela presidiu na prece ao iniciar-se a evangelização, sob a acção do Espírito Santo: Seja Ela a estrela da evangelização sempre renovada, que a Igreja, obediente ao mandato do Senhor, deve promover e realizar sobretudo nestes tempos difíceis mas cheios de esperança*[1]. Esta designação tornou-se habitual na Igreja, a ponto de ser referenciada em vários estudos sobre a Nova Evangelização. Mas o que significa realmente esta expressão? Será apenas uma figura de estilo, uma maneira de dizer, ou é de facto um princípio orientador da Evangelização, e em que sentido?

Antes de nos determos propriamente com esta expressão de Paulo VI é importante que nos questionemos sobre o termo

[1]EN 82.

Evangelizar. De facto hoje em dia falamos muito de Nova Evangelização, organizam-se debates, conferências, congressos: sente-se a urgência de anunciar a Boa Nova a uma nova realidade cultural com que nos deparamos, mas por vezes sentimos a dificuldade de saber em que consiste a Evangelização.

Evangelizar é um processo gradual através do qual a Igreja, movida pelo Espírito Santo, anuncia e difunde o Evangelho por todo o mundo. Ao olharmos para a acção evangelizadora da Igreja vemos em primeiro lugar que ela impregna e transforma a ordem temporal, assumindo e renovando as culturas. Ela dá testemunho de um novo modo de ser e viver; proclama o Evangelho mediante um primeiro anúncio, chamando à conversão e inicia na fé e na vida cristã mediante a catequese e os sacramentos de iniciação: aqueles que se convertem são incorporados na comunidade cristã onde juntamente com a comunidade encetam o caminho cristão. A Igreja alimenta constantemente o dom da comunhão nos fiéis mediante a educação da fé, os sacramentos e do exercício da caridade. Por fim Ela suscita continuamente a missão enviando todos os discípulos a anunciarem o Evangelho com palavras e obras por todo o mundo.[2]

Maria é estrela da evangelização *sempre renovada* na medida em que nela acontece precisamente este processo de Evangelização. Ela, a primeira cristã, a primeira evangelizada, é que ilumina e nos aponta o caminho cristão a percorrer. Ao olharmos para a sua vida vemos os passos deste processo a acontecer desde a anunciação em que acolhe Deus no seu seio, à visitação, ao momento da crucificação de Jesus, ao Pentecostes; ou seja, toda a sua vida é uma estrela que aponta o caminho cristão a percorrer, pois aquilo que Deus fez com

[2]Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral para a Catequese*, Vaticano. Nº. 46 a 49.

Maria é o que quer fazer com cada um dos homens: em Maria cumpre-se aquilo para o qual o homem foi criado.

Ver em Maria o que é e como se faz a evangelização leva-nos a ultrapassar a imagem dada pela religiosidade popular, na qual ela é remetida para o campo de um maternalismo sentimentalista desviado da centralidade cristológica da fé, e também a não nos ficarmos numa visão teológica de Maria demasiado especulativa e desencarnada da vida da Igreja.

Maria, Virgem e Mãe, ocupa um lugar central na vida cristã pois é protótipo e figura da Igreja, isto é, *a maquete* para a qual os construtores devem olhar na sua construção. A ligação entre Maria e a missão da Igreja é-nos descrita pelo Concílio: *A Igreja, meditando piedosamente na Virgem, e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, penetra mais profundamente, cheia de respeito, no insondável mistério da Incarnação, e mais e mais se conforma com o seu Esposo. Pois Maria, que entrou intimamente na história da salvação, e, por assim dizer, reúne em si e reflecte os imperativos mais altos da nossa fé, ao ser exaltada e venerada, atrai os fiéis ao Filho, ao seu sacrifício e ao amor do Pai. (...). Daqui vem igualmente que, na sua acção apostólica, a Igreja olha com razão para aquela que gerou a Cristo, O qual foi concebido por acção do Espírito Santo e nasceu da Virgem precisamente para nascer e crescer também no coração dos fiéis, por meio da Igreja. E, na sua vida, deu a Virgem exemplo daquele afecto maternal de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens*[3].

Neste sentido, quando falamos de *Nova Evangelização* não podemos esquecer o papel de Maria na própria economia da salvação, e por conseguinte, na própria edificação da Igreja. *Assim, a Igreja que se faz ao largo, no início deste novo milénio,* com um novo e renovado esforço evangelizador, deverá colocar os olhos em Maria, Virgem e Mãe, aprendendo dela a escutar o

[3]LG 65.

anúncio jubiloso de Jesus Cristo, a deixar que esse anúncio ressoe no íntimo de cada um como aconteceu com Isabel, tornando-se o seio onde o Verbo pode encarnar e crescer e, por último, a ser discípulo do Filho até à radicalidade da cruz. Como vemos, a *Nova Evangelização* não se trata de inventar novas teorias, ou mesmo um novo programa, mas sim de colocar os olhos naquela que foi a primeira evangelizada, porque a primeira a acolher o Verbo no seu seio e, deste modo, penetrar mais profundamente no mistério da Incarnação.

Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho...

Maria é *o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo*[4], na medida em que permanece intimamente unida ao mistério de Cristo e consequentemente ao mistério da Igreja, da qual é mãe. Ora, esta união e, ao mesmo tempo. participação no mistério do Redentor iniciou-se mediante o acontecimento da anunciação do anjc, pois aí manifestou-se a eleição gratuita de Deus e a resposta livre e obediencial de Maria. Daí que Maria seja chamada pelo anjo a *Cheia de Graça*, pois *a Incarnação do Verbo, a união hipostática do Filho de Deus com a natureza humana, realiza-se e consuma-se precisamente nela*[5].

Assim, a anunciação, enquanto revelação do mistério da Incarnação, é um anúncio querigmático, ao qual Maria responde com o seu *Fiat*. Como nos refere João Paulo II na *Redemptoris Mater*, na anunciação *Maria entregou-se a Deus completamente, manifestando a obediência da fé Àquele que lhe falava por meio do seu mensageiro, prestando-lhe o obséquio pleno da inteligência e da vontade. Ela respondeu com todo o seu eu humano e feminino*[6]. Trata-se, portanto, de um sim total de entrega e de adesão vivencial a esse mesmo anúncio que implica necessariamente uma atitude activa e colaborante com

[4]LG 63.
[5]RM, 9.
[6]RM 13.

a Graça Divina. Como todo e qualquer querigma tratou-se do anúncio de um acontecimento, de uma boa-notícia: *–Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus* (Lc1,31). Na sua aparente simplicidade este anúncio traz consigo todo um caminho a encetar, um itinerário a percorrer em plena conformidade com o seu próprio conteúdo. Dir-se-ia que tal anúncio querigmático é apenas o gérmen de algo que se há-de concretizar no acolhimento progressivo do Verbo Incarnado no seu seio através do seu longo itinerário de fé.

Da leitura atenta e meditada desta passagem do Evangelho de S. Lucas poderemos dizer que *Maria foi a primeira pessoa a ser evangelizada, porquanto foi a ela, antes de qualquer outra pessoa, que foi feito o anúncio jubiloso que de si, por obra do Espírito Santo, o Filho de Deus assumiria a natureza humana a fim de libertar o homem do pecado, através dos mistérios da sua carne*[7]. De facto, foi a ela que foi comunicada a Boa-Nova, livremente acolhida por Ela e que conduziu à incarnação do Verbo eterno de Deus no seu ventre. Deste modo, através deste anúncio jubiloso e do seu acolhimento generoso, livre e total por parte de Maria, o Verbo fez-se carne no seu ventre. Daí que o evangelista S. João testemunhe que *O Verbo fez-se carne e habitou entre nós* (Jo 1,14). Neste sentido, Maria, primeira evangelizada porque a primeira a acolher o Verbo no seu seio, há-de ser para a Igreja, que *no início deste novo milénio se faz ao largo* pelos caminhos da *Nova Evangelização*, modelo inspirador e desafio permanente a levarmos o anúncio jubiloso de Cristo a cada pessoa. Só assim o Verbo poderá incarnar no seio de todo aquele que o acolher, de forma a habitar entre nós. Neste sentido, parece-nos cada vez mais urgente a necessidade de um primeiro anúncio do Evangelho ou de um renovado anúncio, como refere João Paulo II na *Ecclesia in Europa*[8], que

---

[7]Cardeal SARAIVA MARTINS, *A Igreja nos alvores do terceiro milénio*, Lisboa, Paulinas, p.341.
[8]cf. EE 46; 47.

leve os baptizados a converterem-se a Cristo e ao seu Evangelho, isto é, que o anúncio da Palavra e a consequente escuta por parte dos fieis leve o Verbo a incarnar na vida de todos quantos O acolhem com coração sincero.

A criança estremeceu-lhe no ventre e Isabel ficou repleta do Espírito Santo

Segundo o evangelista S. Lucas, Maria, após o jubiloso anúncio do anjo, dirigiu-se para casa da sua prima Isabel num claro impulso evangelizador. Como nos refere o Cardeal Saraiva Martins, *a Virgem, a caminho da montanha, em demanda de uma cidade de Judá, é, assim, a portadora de Cristo, do Verbo Incarnado; a primeira anunciadora da presença salutífica do Filho de Deus no meio dos homens*[9]. Assim, de primeira evangelizada, Maria passa a ser a primeira evangelizadora do mistério de Cristo, levando-O até aos homens.

No entanto, este episódio revela-nos muito mais do que o facto, já de si importante, de Maria ser a Arca da Nova Aliança, a portadora de Cristo. Para isso torna-se necessário debruçarmo-nos um instante sobre a reacção de Isabel à saudação da Virgem: *Ora, quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu-lhe no ventre e Isabel ficou repleta do Espírito Santo* (Lc1,41). De facto, Isabel exulta de alegria, não tanto pela visita de Maria, mas porque ela é a *mãe do meu Senhor*, tal como se exprime a mãe de João Baptista. Ora, que outra coisa é a catequese se não um fazer ressoar continuamente aquilo que outrora nos foi anunciado querigmaticamente? Este ressoar que é a catequese só pode acontecer entre pessoas que, como Isabel e Maria, cada qual a seu modo, tenham acolhido o anúncio e estejam grávidas da Palavra acolhida. Ninguém cresce na fé nem se torna adulto individualmente sem outros cristãos: é escutando a ressonância da Palavra nas suas vidas e dando a nossa própria

[9]Cardeal SARAIVA MARTINS, *op. cit.*, p.342.

ressonância que acontece o deslumbramento da consonância que se exprime na liturgia e na comunhão tal como vemos que aconteceu com Maria no cântico do *Magnificat*.

Ela deu à luz o seu Filho primogénito

Olhando, mais uma vez, para Maria, *Estrela da Nova Evangelização*, apercebemo-nos que a Palavra anunciada e acolhida na obediência da fé, necessita de um seio onde possa ressoar e crescer, à semelhança do ventre de Maria, Tabernáculo da Nova Aliança. Tal como o ventre de Maria foi o espaço de gestação do Verbo, também a comunidade o deverá ser, tornando-se esse seio materno que acolhe, confronta, não isolando cada cristão em si mesmo, mas tornando-o num contínuo *ser-para-os-outros*. Neste sentido, a Igreja tende a ser este seio materno onde aqueles que acolhem o primeiro anúncio, juntamente com todos os outros cristãos, crescem na identificação com Cristo, como nos refere o concílio: *Por sua vez, a Igreja que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai, torna-se também ela própria mãe, pela fiel recepção da palavra de Deus: efectivamente, pela pregação e pelo baptismo, gera, para vida nova e imortal, os filhos concebidos por acção do Espírito Santo e nascidos para Deus*[10].

Ora esta dimensão comunitária da evangelização parece-nos importante para evitar o individualismo religioso. De facto, a própria Palavra é criadora de comunhão eclesial, pelo que a evangelização reclama e pressupõe sempre esta entrada numa comunidade de salvação – a Igreja. Esta é o seio materno onde os catecúmenos e todos os fiéis são regenerados pela água do baptismo. É neste ventre que o cristão é chamado a acolher a vida de Deus, deixando que Cristo se forme em si, tal como Maria deixou que o Verbo incarnasse no seu ventre, pela obediência da fé.

---

[10]LG 64.

Na medida em que a Igreja for cada vez mais esse seio materno e fecundo, onde os catecúmenos são gerados para uma vida nova pela acção do Espírito Santo, dá-se o nascimento dos novos fiéis para a vida nova, já não segundo a carne mas segundo o Espírito. Trata-se, efectivamente, desta vida de Deus que brota em nós, tanto mais quanto acolhermos o Verbo. Veja-se, portanto, como a comunidade eclesial, para além de um espaço de gestação do Verbo torna-se também um espaço de nascimento, que à semelhança da pequena gruta de Belém dá à luz e acolhe os novos filhos de Deus, a Palavra feita carne. Dar à luz é manifestar, é tornar público aquilo que até ali se passou no interior, no seio da comunidade. A fé cristã só tem valor quando é professada, manifestada ao mundo. A Igreja é o lugar dessa manifestação, dessa epifania que no percurso da fé corresponde ao Baptismo, à Iniciação Cristã. E assim como Jesus precisou da família de Nazaré para crescer e poder realizar a sua missão redentora, também os cristãos precisam de crescer no seio da Igreja pela prática da vida cristã e por aquilo que se tem chamado a formação permanente da fé.

Eis a tua mãe

É imprescindível fazer também referência ao mistério da cruz, pois foi neste acontecimento que a maternidade de Maria na economia da graça se alargou a toda a humanidade, tal como nos refere João Paulo II na sua Encíclica: *Sendo assim, na economia redentora da graça, realizada sob a acção do Espírito Santo, existe uma correspondência singular entre o momento da Incarnação do Verbo e o momento do nascimento da Igreja. E a pessoa que une estes dois momentos é Maria. Maria em Nazaré e Maria no Cenáculo de Jerusalém. Em ambos os casos, a sua presença discreta, mas essencial, indica o caminho do «nascimento do Espírito». Assim, aquela que está presente no mistério de Cristo como mãe torna-se – por vontade do Filho e por obra do Espírito Santo – presente no Mistério da Igreja. E continua também na Igreja a ser uma presença materna, como*

indicam as palavras pronunciadas na cruz: «Mulher, eis o teu Filho»; «Eis a tua mãe»[11].

Ora, olhando para Maria junto à cruz, não nos podemos esquecer da centralidade do mistério quenótico da cruz na mensagem evangélica. De facto, a *Nova Evangelização* não pode buscar um novo programa ou uma nova fórmula, pois ele já existe e é o mesmo desde sempre. Trata-se, efectivamente, do anúncio da pessoa de Jesus Cristo, o centro de qualquer programa evangelizador, independentemente da sua orientação e concretização em termos pastorais: *transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas, e depois aos doze.* (I Cor 15, 3-5). Neste sentido, toda a evangelização deverá ser cristocêntrica, e mesmo as devoções populares, incluindo as próprias devoções marianas, dever-se-ão orientar para o anúncio de Jesus Cristo morto e ressuscitado.

Por isso é bastante significativa a presença de Maria junto à cruz, mostrando-nos que esta é constitutiva do seguimento de Jesus Cristo: *Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me* (Lc 9, 22). Também aqui Maria, enquanto discípula do seu Filho, é para nós modelo de seguimento, pois o seu *Fiat* na anunciação conduziu-a por um caminho de obediência filial até à cruz.

Assim, uma nova evangelização que se centra no anúncio da pessoa de Cristo não pode jamais esquecer a centralidade do mistério Pascal de modo a repetir com S. Paulo: *anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens* (I Cor 1,23-25). Neste sentido, Maria junto à cruz impele-nos a fazermo-

---

[11] RM 24

nos ao largo neste novo impulso evangelizador, cientes de que não há outro programa a não ser o anúncio jubiloso de Jesus Cristo e Cristo crucificado. O percurso do Filho de Deus passou pela cruz, o de Maria também e o de cada discípulo por aí passa necessariamente. Mas não fica por aí. A Igreja ensina-nos a ver Maria glorificada com Cristo, participando da vitória de Cristo sobre a morte. Aí nos conduzirá, também a nós, o caminho da fé.

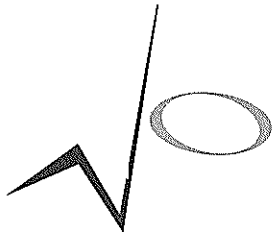
Na aurora deste terceiro milénio, a Igreja deverá reunir-se com Maria para implorar e receber o Espírito à semelhança dos Apóstolos no dia de Pentecostes, consciente de que toda a evangelização deverá ter como protagonista o Espírito Santo. Contudo, a Igreja não deixa de colocar os olhos em *Maria, estrela da evangelização, seguindo as pegadas do itinerário percorrido pela Virgem Maria, a qual caminhou na peregrinação da fé, mantendo fielmente a união com o seu Filho até à cruz*[12]. Com ela, a Igreja aprende a ser virgem, com um coração todo de Deus para acolher a sua Palavra; aprende a ser mãe, com um coração materno onde ressoa jubilosamente a Palavra, onde esta cresce e gera os novos filhos; aprende a ser discípula, com um coração humilde para seguir o Senhor até à cruz, onde a maternidade se alarga aos confins da terra; aprende a ser serva, com um coração disponível ao serviço do Mistério da Incarnação; e aprende a ser orante, com um coração atento para contemplar e discernir os sinais da acção de Deus na história.

Em suma, como refere o Papa na recente exortação apostólica, *Ecclesia in Europa, a Igreja tem os olhos postos em Maria*[13], na certeza de que ela é a figura e o tipo da Igreja, pelo que, quem evangeliza com os olhos nela não trabalha em vão. Se a evangelização está ao serviço do mistério da Incarnação, permitindo que Cristo se forme em todos, nada melhor do que

[12]RM 2.
[13]EE 124.

olhar para a Virgem e Mãe que acolheu o anúncio jubiloso da Incarnação do Verbo, permitiu que Ele ressoasse e crescesse no seu seio, deu-O à luz e seguiu-O até à cruz. Que a Virgem Maria, Estrela da Nova Evangelização, com o seu coração maternal acompanhe a Igreja do novo milénio pelos caminhos da Nova Evangelização.





MARIA SERVA E GUARDA DO DOMINGO

Arlindo Miguel Jorge,
Aluno do 5º Ano

Maria não podia certamente deixar de estar presente, nas celebrações eucarísticas, no meio dos fiéis da primeira geração cristã, que eram assíduos à fracção do pão.
(EE, 53)

Encontrei há tempos pintada a aparição do Ressuscitado à Virgem Mãe. Surpreendeu-me no quadro a serenidade de Maria, a ausência de gestos confusos ou inesperados. É certo que os Evangelhos não narram o acontecimento, por isso, tentei resolver a minha dificuldade: imaginei Maria reunida para a fracção do Pão, no primeiro dia da semana, lá em Éfeso, na casa de João. Aí o Ressuscitado apresenta-se à Mãe nos sinais do pão e do vinho – é a oitava alegria de Maria. Tendo presente este quadro, ao pedido que escrevesse acerca da relação de Maria com a Eucaristia, proponho recordá-la a celebrar o Ressuscitado. Deste modo, contemplo a memória dos gestos salvíficos guardados no seu coração de mãe, memória que pelo Espírito Santo deixa de ser coisa do passado para ser presença de Cristo que vive e cresce até que nela seja totalmente assumido. Situo, portanto, Maria nesses três

momentos – *anamnese, epiclese e prognose* –, talvez por isso, o texto que se segue seja mais uma leitura da eucaristia em chave mariológica que uma visão eucarística da atitude interior de Maria.

A memória dos gestos salvíficos, o depósito da fé, de que a Igreja é guarda e transmissora, não é senão aquele que está guardado no coração de Maria. Assim, reunindo-se na vigília do Dia do Senhor, ela com a Igreja, relembra a noite da Última Ceia, revê a hora de Jesus. Nessa noite santa, o mesmo Jesus que estendera pelas cidades e lugarejos a misericórdia de Deus prepara-se para estender-se agora como salvação para todos os homens numa nova aliança. A aliança antiga referia-se a dois parceiros – Deus e o povo; em Jesus uniram-se definitivamente as duas vontades – o sim da divindade e o sim da humanidade. N'Ele o querer da humanidade responde na proporção ao querer de Deus, tornando-se, deste modo, o seu próprio corpo a balança do resgate que livra as nossas almas do inimigo. Maria que pelo seu sim incondicional havia dado lugar ao pacto entre Deus e os homens, prepara-se para ver selado na cruz o mesmo querer da divindade e da humanidade. E na noite em que o Filho ia ser entregue, Ela, por quem veio a carne e o sangue, vê antecipado o sim de Jesus ao Pai, o cumprimento dessa aliança nos sinais do pão e do vinho. Ele que se ia entregar na cruz, entrega à Igreja o vinho da salvação que há-de ser derramado pelos tempos fora até à sua última vinda – sacramentalizando assim no nosso corpo a Aliança por Ele cumprida.

Depois, Maria recorda as horas seguintes em que seguiu o cordeiro sem mancha até ao altar da cruz. De longe observou o quanto o Filho quis fazer em tudo a vontade do Pai e, não se valendo da sua condição de mãe, ela própria participou da vontade do Filho, oferecendo-O também a Deus. Ela que assentiu na *humanação* do Verbo, assente agora na sua paixão. Ela que havia feito da sua vida um permanente *faça-se*, associa-se ao sim de Jesus, votando-se como Ele ao abandono

extremo. Mas essa é a sua maior glória – como a maior glória de Jesus coincide com a sua máxima entrega. Une-se plenamente à vontade do Filho e deixa que a lança que trespassou o coração de Jesus alcance também o seu. Se a cruz é o lugar onde Jesus reina, então Maria, junto à cruz, ocupando o lugar da humilde serva, reina com Ele. E do coração do Filho viu jorrar sangue e água, o anúncio da vinda do tempo messiânico, a predição da efusão do Espírito e, mais próxima da fonte, testemunha à Igreja: *Eu vi a água sair do lado direito do Templo e todos aqueles a quem esta água tocou foram salvos.* Desse lado anteviu o que surgiria do Espírito: a Igreja, nova Eva, Mãe e Esposa, de que ela própria é sinal.

Reunida para a fracção do pão, Maria recorda a hora da oblação suprema, aquela hora para a qual convergiu a vida toda de Jesus. Desde a anunciação soube que o Menino seria chamado Filho do Altíssimo; depois, de Simeão escutou que seria chamado Luz das nações. Mas quando a Maria foi preanunciada a participação na hora do filho – *uma espada de dor trespassará o teu coração* – a mãe reconheceu desde aí que a glória de Jesus coincidiria com a oblação de si mesmo. De facto, essa sexta-feira não a surpreenderia – foi para a cruz que Ele veio. E à medida que se aprofundou a consciência salvífica do Filho do Homem ergueu-se à consciência de Maria a cruz redentora do calvário. Esperando-a, conformando-se à cruz, ainda que, como o Filho, não conhecesse a hora, Maria passou a agir na direcção do que esperava, antevendo em cada gesto do Filho a vida jorrada em abundância. Muitos acontecimentos – o baptismo de Jesus, a revelação nas bodas de Caná, o anúncio do Reino como o convite à conversão, a transfiguração do Senhor – encaminharam a vida da Mãe de Deus para o dia da cruz. Amadureceram-na mas não tanto quanto as palavras duras, de aparente rejeição do próprio Filho: Ele, no dizer de Balthasar[1], é o primeiro que maneja a espada que há-de

[1]Cf. Hans Urs von Balthasar, *María, Iglesia naciente*, Madrid, Encuentro, 1999, 4ª ed., p. 88.

atravessá-la. Silenciosa e discreta, como na hora do calvário, Maria nunca Lhe pôs entraves nem Lhe devolveu argumentos, e porque deixou que Deus dela toda dispusesse, sujeitou-se ao abandono do próprio Filho. A Toda Santa deixou-se conduzir pelo próprio Filho e, motivada pela obediência de Jesus, percorreu o longo calvário de, com Ele, fazer da sua vida um permanente *faça-se*. Toda a vida de Maria é então uma pedagogia eucarística: *preparando-se dia a dia para o calvário Maria vive uma espécie de Eucaristia antecipada* (EE, 56).

Mas ela sabia que Jesus não podia sujeitar-se à corrupção do tempo; reproduzindo assim na sua vida o querer do Crucificado, aguarda com Ele a restituição à vida; ela, que participou dos sofrimentos de Cristo, participará também da sua ressurreição.

Ao celebrar a eucaristia, *Maria revive a alegria daqueles a quem Cristo se manifestou e também a sua própria experiência não menos intensa da nova existência do Filho glorificado* (RVM,23). Recorda então o dia em que foi encontrada a pedra removida e lhe foi anunciado que era Mãe do Ressuscitado. Nesse dia em que a humanidade foi ressuscitada para a eternidade do amor, quando Cristo entrou no santuário precedido da grande multidão e ouviu do Pai as palavras *és meu Filho, Eu hoje te gerei*, Maria viu também cumpridas as palavras do anjo: *será grande e será chamado Filho do Altíssimo.*

O acontecimento pascal que Maria guarda no coração juntamente com a comunidade apostólica não podia ficar sujeito à história. O projecto de Deus para o homem de todos os tempos é uma admirável pedagogia (também a história é uma pedagogia eucarística) que tem por protagonista o próprio Cristo, a memória de Deus, o Alfa e o Ómega, que pelo seu Espírito leva a obra criada à presença do amor trinitário. A prometida força do Alto é derramada nos nossos corações e, alcançando o nosso espírito, conduz-nos até ao lugar da cruz, a fim de recebermos o baptismo com que Ele mesmo foi

baptizado. Portanto, Aquele que encarnou o Verbo no seio da Virgem Maria e ressuscitou a humanidade de Jesus, sacramentaliza, reproduz em nós o querer do Filho, constituindo-nos na mesma relação obediencial de Cristo. E Maria que morreu com Jesus recebeu, com a comunidade dos discípulos, o baptismo do fogo reconhecendo-se então filha do seu Filho. Vê então erguer-se um tempo novo, nascido do Espírito, a Igreja – a comunidade daqueles que são chamados a morrer e a ressuscitar com Cristo. Jesus que na cruz alcançara a nossa passagem para o Pai, na Ceia institui o sacramento que em nós reaviva e alimenta o que nos foi oferecido no baptismo.

Vimos atrás o quanto Maria tem presente o sacrifício da cruz, mas ao celebrá-lo não só o revê como o perpetua pelos tempos. De facto, Jesus *instituí uma misteriosa contemporaneidade entre aquele Tridum e o arco inteiro dos séculos* (EE,5). O Espírito Santo que transformou o corpo físico de Jesus morto num corpo espiritual, mediante a ressurreição, torna o pão e o vinho no corpo e sangue de Jesus Cristo. A Igreja, reunida para a fracção do pão segundo o mandato do Senhor, roga o dom de celebrar o sacrifício da cruz não apenas na sua evocação mas na sua presença sacramental suplicando-o na *epiclese* eucarística. É certo que a comunidade de Éfeso não conhece a *epiclese* como tal, todavia reúne-se no Espírito Santo que santifica todos os seus actos. E Maria vê realmente a presença de Cristo, na sua inteireza. Ela que havia dado corpo ao Verbo eterno, e havia visto e tocado e ouvido e que O conhecia por verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, vê-o não já como acontecimento mas como sacramento. A identidade é a mesma porque O mesmo que obedeceu até à morte, seguindo em tudo a vontade do Pai, é O mesmo que na eucaristia se doa ao nosso espírito segundo o projecto do Pai.

Como outrora, de pé, junto do altar do Senhor, vê Cristo que se oferece ao Pai. Entregue à morte, Jesus glorificou o Pai e possibilitou à Igreja que O entregue também ela, prolongando

na história o seu louvor. A Igreja não só o prolonga como dele participa: incorpora-se na sua autodoação e, com Cristo, oferece-se plenamente em louvor ao Pai. Com ela, Maria que havia oferecido à cruz Aquele que trouxera no seu ventre, participa do sim de Cristo, prolongando com Ele o seu faça-se. *Porque a glória de Deus é o homem vivo*, oferece-se como hóstia viva, santa, agradável, tributando-Lhe o que a Ele é devido: o seu Filho e ela mesma. E Maria, diante do único sacrifício de Cristo e da Igreja, mantém a única atitude possível, a mesma daquela sexta-feira – a contemplação. Permanece serena, como naquele quadro que vi!

Ao actualizar os gestos salvíficos do Filho, a Mãe de Deus actualiza também o seu próprio querer: ser cada vez mais semelhante a Ele. O mesmo é dizer que se identifica sempre mais com Aquele que comunga e assim assemelha-se, cada vez mais, com Aquele que gerou. Com a fé indivisa da anunciação aceita novamente ser receptáculo do Filho do Altíssimo. O corpo que gerou e deu à luz e que a fez custódia de Deus, é o mesmo corpo que agora recebe, do qual se alimenta, tornando-se na continuidade do que foi, templo eucarístico, o lugar onde Deus habita no meio dos homens. Acontece sacramentalmente uma nova encarnação. E uma vez que o sacrifício está orientado para a união íntima dos fiéis com Cristo, mãe e Filho continuam, depois da Ressurreição, a formar uma unidade, sinalizando aquele momento da história em que Deus será tudo em todos. Comungando o Senhor, Maria traz não só na memória o Tríduo Pascal, mas em si própria transporta o seu anúncio jubiloso. A Virgem assim nutrida pelo pão e pelo vinho eucaristiados, anuncia na sua vida a morte e a ressurreição do Senhor até que Ele venha e celebra-o continuamente até que seja glorificada com a glória de que fez participante a humanidade. Celebrando-O espera a sua própria glorificação.

Escutando a repetição daquelas palavras da Última Ceia, Maria não fica perturbada nem confusa. Perante o anjo havia-se escudado por um instante na pergunta e na dúvida mas,

doravante, conhece a força e a eficácia da Palavra que encarna, ressuscita, cura, multiplica o pão e a levou a dizer *fazei tudo o que Ele vos disser*. Uma vez que desde a anunciação presta a Deus o obséquio da sua inteligência e da sua vontade, Maria acredita que pela invocação do Espírito Santo, pela palavra e pelos gestos, o pão e o vinho são convertidos no Corpo e no Sangue do Ressuscitado porque a Deus nada é impossível. Só a fé pode assegurar que aquelas espécies são, de facto, o Corpo e o Sangue do Senhor Jesus: *verdadeiramente a Eucaristia é mysterium fidei, mistério que supera os nossos pensamentos e só pode ser aceite pela fé* (EE,15).

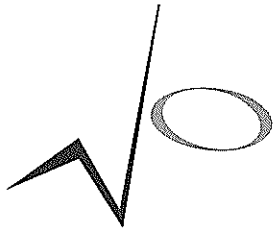
Maria vive na intimidade do Filho e por Ele é mergulhada na intimidade trinitária que conduz necessariamente à inserção na intimidade eclesial. Mãe, depois filha, comungando do mesmo pão no meio dos fiéis da primeira geração cristã, Maria agora é irmã, vínculo entre a história e a glória de Cristo porque reúne ao redor de Jesus a comunidade dos irmãos e neles reconhece a vida do próprio Filho. Membros de Cristo e membros uns dos outros, unidos pelas junturas da caridade de Deus, os irmãos repartem entre si o mesmo pão como a grande família dos filhos de Deus. E, vivendo na casa de João, reconhece aquele que o Filho escolheu para perpetuar a sua missão possibilitando que a sua oblação transcendesse o limite histórico – reconhece Cristo *ao ouvir dos lábios de Pedro, João, Tiago e restantes Apóstolos as palavras da Última Ceia.*

Até aqui reflectimos que Maria vive da memória do Filho e celebra-a, actualizando na sua própria vida a morte e a ressurreição do Senhor. Inserida neste dinamismo, ela conhece já como será conhecida. A Mãe do Ressuscitado caminha de ressurreição em ressurreição, celebrando até que Cristo nela esteja totalmente formado e a assuma para a eternidade do amor. Portanto, ela é lugar escatológico porque nela completam-se os tempos e inicia-se o Reino. Vivendo sempre no cuidado do que virá, Maria, mulher expectante, que outrora

esperou o Filho, espera agora o Rei. E enquanto não surge o Dia, reúne-se com os irmãos em oração até que Ele venha definitivamente. Se *Eucaristia é tensão para a meta, antegozo da alegria plena prometida por Cristo, de certa forma é antecipação do Paraíso, penhor da glória futura* (EE,18), Maria, com a Igreja, pede ardentemente: *vinde Senhor Jesus!* Deste modo, de eucaristia em eucaristia, de Páscoa em Páscoa, Maria vigia com os Apóstolos peregrinando no tempo, mas atraída pelo fim.

Mas a Mãe de Deus é também ícone da Igreja gloriosa, porque é já mulher sem mancha nem ruga, sinal da total santidade da Igreja. Eleita desde sempre, a nova Eva deixou que a sua liberdade coincidisse com a vontade de Deus e interrompeu, pela obediência, a pecabilidade histórica. Toda santa desde o seu nascimento, Maria é alimentada pelo próprio Cristo afim de chegar à estatura do Filho que assim realiza nela a obra da sua redenção. Deste modo, transformada pela presença do Senhor, espera a reunião de todos os habitados pela santidade de Deus. E se Deus é Céu para quem o acolhe, Maria, acolhendo no seu seio o sacramento da santidade de Deus, é na terra mulher celeste.

Perguntámos a Maria o que guarda no seu coração, o entendimento do que celebra e a esperança que a anima. De Domingo em Domingo, a Mãe de Deus antecipou o Oitavo Dia, dia em que toda a obra agraciada se juntará ao Filho numa doxologia eterna.



A VIRGEM MARIA NA FORMAÇÃO E NA VIDA DOS SACERDOTES

Pe. Nuno Isidro
Director Espiritual do Seminário de S. José de Caparide

1. A devoção eclesial mariana.

A especial relação da bem-aventurada Virgem Maria com os sacerdotes é a manifestação de uma verdadeira devoção eclesial.

A devoção, na fé da Igreja, não se reconhece pela quantidade de actos piedosos de culto, individual ou colectivo, que façamos. Não é, como às vezes parece, um sentimento intimista sujeito ao gosto pessoal e facultativo. E sendo, em geral, a nossa devoção a Maria marcada por lugares e acontecimentos particulares na caminhada espiritual de cada um, não são esses momentos que definem a verdadeira devoção. Servirão, no entanto, para estruturar na maturação espiritual aquela manifestação de um amor constante, posto em prática, às verdades da fé que professamos. Entre estas verdades cremos na presença e acção da Virgem Maria na revelação divina da história da salvação.

Se a verdadeira devoção a Maria é componente essencial da experiência cristã da Igreja inteira e de cada baptizado, segundo a teologia e a doutrina assumida no Concílio Vaticano II, sintetizada na *Lumen Gentium*, de modo especial a

encontramos no ministério sacerdotal que nos foi confiado. Quer na formação inicial do Seminário, quer na vida e na formação permanente do crescimento espiritual do sacerdote, a relação com Maria acontece tão naturalmente quanto se procura ser discípulo de Cristo, vivendo a experiência do encontro com Ele nas exigências próprias da vida da Igreja, da conversão pessoal e da plena entrega ao ministério do apostolado.

2. O ensino do Magistério.

O magistério da Igreja acerca da formação e da vida dos sacerdotes confirma e promove esta relação com Maria. Afirma-se a necessidade de educar o coração do seminarista e do sacerdote *a amar e venerar com devoção e culto filial, como Mãe do sumo e eterno Sacerdote, como rainha dos Apóstolos e auxílio do seu ministério*[1] a Virgem Maria.

O Directório para o ministério e a vida dos presbíteros dá-nos uma síntese do programa de vida espiritual da devoção a Maria: a sua maternidade sacerdotal é o fundamento; a experiência de crescimento espiritual é feita na contínua atenção e oração a Maria; ela é formadora, intercessora e modelo de virtudes a imitar, para o ministério sacerdotal[2]

Maria é a obra prima do Sacrifício sacerdotal de Cristo[3]. *Por isso, cada aspecto da formação sacerdotal pode ser referido a*

---

[1]CONCÍLIO VATICANO II, *Presbyterorum Ordinis*, n. 18; cf. Idem, *Optatam Totius*, n. 8; CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*, Roma 1970, n. 54; Idem, *Carta circular sobre alguns aspectos mais urgentes da preparação espiritual nos seminários*, Roma 1980, cap. II, n. 4; Idem, *A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual*, Roma 1988, nn. 32-33; CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, can. 246, § 3; CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Normas fundamentais para a formação sacerdotal nas dioceses portuguesas*, Lisboa 1992, n. 84; JOÃO PAULO II, *Pastores dabo Vobis*, Roma 1992, n. 82.

[2]Cf CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros*, Roma 1994, n. 64.

[3]Cf Ibidem.

Maria como à pessoa humana que correspondeu, mais do que qualquer outra, à vocação de Deus, que se fez serva e discípula da Palavra até conceber no seu coração e na sua carne o Verbo feito homem para dá-Lo à humanidade, que foi chamada à educação do único e eterno Sacerdote que se fez dócil e submisso à sua autoridade materna. Com o seu exemplo e a sua intercessão, a Virgem Santíssima continua a estar atenta ao desenvolvimento das vocações e da vida sacerdotal na Igreja.[4]

3. Maria, mãe do Sacerdócio.

A relação de Maria com o sacerdócio realiza-se na sua maternidade: *É na sua humanidade que Cristo se torna sacerdote e o seu ministério sacerdotal começa no seio de Maria, no momento da encarnação. A acção do Espírito Santo que une a natureza humana de Jesus à natureza divina do Verbo, no seio de Maria, constitui a unção sacerdotal do Verbo encarnado. (...) Mas se o sacerdócio é atributo da humanidade de Jesus, a sua origem e fundamento é a divindade do mesmo Jesus. (...) A união da natureza divina à natureza humana, realizada no seio de Maria, é uma consagração que Deus realiza da humanidade e que, em última análise, é uma consagração sacerdotal.*[5]

Sendo, por vontade de Deus, mãe do Sacerdote eterno, misericordioso e fiel, Maria é a mãe do sacerdócio. Ela própria exerce um ministério sacerdotal quando assume a vontade divina: *Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1, 38). Em plena identificação e participação no ministério sacerdotal do Filho – *Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça minha vontade, mas a tua* (Lc 22, 42) –, realizado definitivamente na Sua morte e ressurreição, aquela palavra cheia de graça saída da boca de Maria tem a plenitude da sua eficácia no mandato de Jesus, na Última Ceia, aos Seus Apóstolos, quando lhes confia o Seu ministério sacerdotal: *Fazei isto em minha memória* (Lc 22, 19).

---

[4]JOÃO PAULO II, *Pastores dabo Vobis*, Roma 1992, n. 82.
[5]POLICARPO, Card. José, Catequese quaresmal de 9 de Março de 2003, n. 2.

Há, assim, um ministério sacerdotal em Maria, porque a função sacerdotal que Jesus assume é a de ser o Sacerdote, o Altar e a Vítima, oferecendo a Sua própria vida, já preanunciado na entrega de Maria na encarnação do Verbo. *Oferecer sacrifícios define a função sacerdotal. (...) A relação do sacerdote com o sacrifício radicaliza-se quando o sacerdote se oferece a si mesmo, (...) a oferta a Deus de sacrifícios, não se limita a exprimir a verdade da função sacerdotal, mas toda a verdade existencial da pessoa do sacerdote que identifica a sua vida com o sacrifício oferecido.*[6]

Manifesta-se aqui o papel de Maria na instituição do sacerdócio cristão. O Corpo de Cristo que foi formado e dado ao mundo por ela, é agora tornado presente pela palavra e gesto do sacerdote na acção sacramental da eucaristia.[7] Então, a resposta de Maria: *faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1, 38), é também a do sacerdote quando diz na oração da consagração eucarística: *isto é o meu Corpo e este é o cálice do meu Sangue.* Isto ajuda-nos a compreender que o que o sacerdote oferece na Eucaristia não é só o Corpo e o Sangue de Cristo, mas o seu próprio corpo e sangue, o corpo e sangue da Igreja, de cada baptizado, de todos os homens por quem Jesus se ofereceu.

Como Maria eu ofereço-me a mim próprio, não por minha iniciativa, mas pela graça de Deus em mim, Ele que não desiste de se oferecer para alcançar a fidelidade dos pecadores. Essa fidelidade que encontrou na Virgem Maria, é a fidelidade que me pede a mim. É na Eucaristia, função do ministério sacerdotal, que a Igreja e cada sacerdote continua a assumir a fidelidade de Maria, que, em última análise, não é senão a manifestação da fidelidade de Deus à Sua Aliança.

---

[6]Idem, Catequese quaresmal de 16 de Março de 2003, n. 2.

[7]Cf. LAURENTIN, René, *La Madonna nella vita e nella formazione sacerdotale*, in G. PITTAU – C. SEPE (edd.), *Identitá e missione del sacerdote*, Città Nuova, Roma 1994, p. 121.

4. Maria, mãe dos sacerdotes.

É, ainda, o próprio Jesus que entrega os Seus sacerdotes ao cuidado materno de Maria, ao mesmo tempo que lhes confia a guarda filial da Sua mãe. *Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: 'Mulher, eis o teu filho!' Depois disse ao discípulo: 'Eis a tua mãe!' E, desde aquela hora o discípulo acolheu-a como sua (Jo 19, 26-27).* Jean Guitton comenta *este trecho: João e Maria, doravante unidos e constituindo o corpo místico junto do Cordeiro místico, vão ser as testemunhas da Igreja mística. O coração de Jesus está aberto pela lança: este coração em que Jesus concentra a Sua vida e que parece sobreviver algum tempo à morte real. João e Maria encontram-se aí, de pé e assumindo um papel análogo ao do sacerdote que oferece o Sacrifício, embora sem haverem sacrificado a Jesus, que se oferece a Si mesmo. Todavia o Evangelho apresenta-os como associados ao que se passa nessa Hora. É esta a fonte de tudo quanto, no decorrer dos séculos, poderá ser dito e pensado sobre a relação da Virgem com o Sacerdócio*[8].

João que recebeu a consagração sacerdotal na Última Ceia de Jesus, com os outros Apóstolos, representa aqui o Sacerdócio ministerial confiado à nova maternidade de Maria. Ao mesmo tempo o Sacerdócio ministerial recebe por João esta especial tarefa de guardar a herança que Jesus lhe confiou, a Sua Mãe. *A espiritualidade sacerdotal não pode dizer-se completa se não toma seriamente em consideração o testamento de Cristo crucificado, que quis entregar a mãe ao discípulo predilecto e, mediante ele, a todos os sacerdotes chamados a continuar a sua obra de redenção*[9].

Não é difícil perceber aqui um caminho espiritual fecundo a

---

[8]GUITTON, Jean, *A Virgem e o Sacerdócio no Evangelho de S. João*, in AA.VV. *Entre Deus e os Homens. Caderno de estudos sobre o Sacerdócio*, Seminário dos Olivais 1960, p. 90.

[9]CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros*, Roma 1994, n. 64.

desenvolver na nossa vida de sacerdotes. A experiência da devoção a Maria acontece ao assumirmos na nossa vida de sacerdotes, unidos ao único Sacerdote, Jesus Cristo, o Seu próprio amor e docilidade a Sua mãe. Jesus pede-nos que amemos a sua mãe, como Ele próprio. Assim ganham pleno sentido as palavras evangélicas de Maria, que nos diz: *Fazei o que Ele vos disser!* (Jo 2, 5). E as de Jesus: *Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática* (Lc 8, 21). *Para cada sacerdote, tomar Maria na própria casa significa dar-lhe lugar na própria vida, permanecendo em união habitual com ela nos pensamentos, nos afectos, no zelo pelo Reino de Deus e pelo seu próprio culto*[10].

5. O sacerdote, ministro do culto e devoção a Maria.

O culto cristão não se prende a devoções particulares. O seu objectivo é sempre o louvor e acção de graças à Santíssima Trindade, único Deus verdadeiro. Por isso, a espiritualidade mariana não se desenvolve senão em ordem à adoração e contemplação do mistério de Cristo, fundamento da espiritualidade sacerdotal. É, então, na promoção e realização do culto eclesial que nós sacerdotes desenvolvemos a nossa própria espiritualidade. Neste culto está naturalmente presente a devoção a Maria, mãe da Igreja e mãe dos sacerdotes.

O culto realizado na vivência litúrgica da Igreja oferece-nos elementos mais do que suficientes para promovermos e saborearmos a devoção a Maria. Sobretudo na Liturgia da Missa e na Liturgia das Horas, as diversas memórias, festas e solenidades que celebram os mistérios da presença de Maria na história da salvação. A particular devoção do Rosário, que rezado diariamente nos dispõe àquela docilidade da união a Cristo e da missão apostólica. E outras devoções da tradição da Igreja, do escapulário às procissões, das peregrinações a tantas formas diversas de rezar, que nos encaminham à contemplação do rosto de Cristo, com Maria.

---

[10]JOÃO PAULO II, *A devoção a Maria na vida do presbítero*, Audiência Geral de 30 de Junho de 1993, n. 5.

A devoção a Maria serve para nos conduzir ao Filho. Por isso, na própria liturgia da Igreja, como na vida de Jesus, ela aparece-nos discreta, humilde, contemplativa, admirada, alegre, agradecida pelas maravilhas de Deus. Assim, sinto que no decorrer da minha vida sacerdotal, e julgo que nos sacerdotes em geral, a relação com Maria é feita desta presença discreta e constante, que não tem manifestações extraordinárias. Antes, aquilo que tem de especial é estar de tal modo dissolvida na vivência quotidiana do ministério que não se destaca, mas promove uma experiência espiritual una.

6. A oração a Maria.

Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração (Lc 2, 51). O princípio da nossa oração a Maria é a imitação desta atitude e sentimento contemplativo do mistério de Cristo. Porque, *nós sacerdotes somos chamados a crescer numa sólida e terna devoção à Virgem Maria, testemunhando-a pela imitação das suas virtudes e com a oração frequente*[11]. A nossa oração a Maria dispõe-nos ao louvor das suas virtudes, para as imitarmos na confiança e fidelidade ao Evangelho.

A nossa relação com Maria faz-se sobretudo na oração, invocando-a como intercessora, à luz das suas virtudes e da graça com que Deus encheu a sua vida, a quem confiamos filialmente o nosso ministério sacerdotal. E o que lhe podemos pedir? A graça de um coração puro para escutar a palavra de Deus. A graça de um amor reconhecido pelo dom do sacerdócio. A graça da generosidade em fazer dom da própria vida, num amor incondicional a Cristo. A graça da pureza e da fidelidade na vivência do celibato. A graça de um amor penitente e misericordioso. A graça da admiração, da contemplação e do discernimento dos mistérios de Cristo vivo na Igreja e no mundo. Quantas graças cada um pode pedir...?

Termino esta modesta contribuição para a reflexão espiritual, com uma oração do Papa João Paulo II, que ajuda a

[11]JOÃO PAULO II, *Pastores dabo Vobis*, Roma 1992, n. 82.

sintetizar a nossa relação com a Virgem Maria na formação para c ministério sacerdotal e na vida dos sacerdotes:[12]

Maria. Mãe de Jesus Cristo e Mãe dos sacerdotes
recebei este preito que nós vos tributamos para celebrar a vossa maternidade e contemplar junto de vós o Sacerdócio do vosso Filho e dos vossos filhos, ó Santa Mãe de Deus.

Mãe de Cristo, ao Messias Sacerdote destes o corpo de carne, para a unção do Espírito Santo e salvação dos pobres e contritos de coração: Guardai no vosso Coração e na Igreja os sacerdotes, ó Mãe do Salvador.

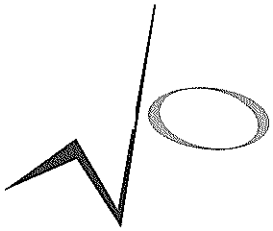
Mãe da fé, acompanhastes ao templo o Filho do Homem, cumprimento das promessas feitas aos nossos Pais: Entregai ao Pai para Sua glória os sacerdotes do Vosso Filho, ó Arca da Aliança.

Mãe da Igreja, entre os discípulos no Cenáculo, suplicastes o Espírito para o Povo novo e os seus Pastores: Alcançai para a ordem dos presbíteros a plenitude dos dons, ó Rainha dos Apóstolos.

Mãe de Jesus Cristo, estivestes com Ele nos inícios da Sua vida e da Sua missão, Mestre O procurastes entre a multidão, assististe-l'O levantado da terra, consumado para o sacrifício único eterno, e tivestes perto João, vosso filho: Acolhei desde o princípio os chamados, protegei o seu crescimento, acompanhai na vida e no ministério os vossos filhos, ó Mãe dos sacerdotes.

Amen!

[12]Ibidem.



A DIMENSÃO CONTEMPLATIVA DO ROSÁRIO

Pe. Luís Rocha e Melo, S.J.
Director Espiritual do Seminário dos Olivais

A comunidade cristã sentiu, bem cedo, a necessidade de aclamar e bendizer a mãe de Jesus, parafraseando, de outra maneira, certa mulher que dizia em voz alta, no meio da multidão: *Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram* (Lc 11, 27), assim como quem pensa e quem diz *tal mãe tal filho ou, neste caso, tal filho, tal mãe.* Não tinha a comunidade melhor sítio onde encontrar louvores para Maria do que na saudação do anjo, no dia da anunciação, e nas palavras da prima Isabel, naquele dia em que as duas se encontraram.

Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo (Lc 1, 28) é o eco dos anúncios de salvação à Filha de Sião e convite à alegria messiânica[1]. *Alegra-te ou rejubila*, seriam imperativos mais apropriados para expressar a intensidade messiânica da saudação do anjo, que condensa a esperança de Israel e a concretização das promessas da Aliança: *Rejubila, Filha de Sião, solta gritos de alegria, povo de Israel... porque o Senhor, teu Deus, está no meio de ti... Ele dança e grita de alegria por tua causa, como nos dias de festa* (Sf 3, 14). Alegra-te, Maria,

[1] *Nova Bíblia dos Capuchinhos*, nota em Lc 1, 28.

porque és objecto da predilecção e do amor de Deus que te transformou pelo seu favor e pela sua graça, e te preparou para conceberes no teu seio o Filho do Altíssimo. *Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre* (Lc 1, 42) são palavras de Isabel que, cheia do Espírito Santo, sente a sua indignidade por receber, em sua casa, a mãe do seu Senhor.

Assim começou a comunidade cristã a aclamar a Mulher que trouxera o Salvador ao mundo. Sentiu igualmente a necessidade de invocar a sua intercessão por *nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte*, já que ela se encontra próxima de seu Filho, na comunhão dos santos. Pouco a pouco, a recitação da Ave-Maria difundiu-se e expandiu-se pelas comunidades que se iam constituindo, além fronteiras. Como os cristãos não abandonaram a oração dos salmos, herdada do judaísmo (eram 150), a devoção beneditina e, mais tarde, a dominicana, constituiu uma espécie de *psalterium beatae Mariae* para designar, explicitamente, a recitação de 150 Ave-Marias, correspondentes ao número dos salmos[2]. Dividiram-se depois em três conjuntos de 50 cada um, que acompanhavam, de alguma forma, as etapas da vida espiritual – as três vias[3].

Tanto a saudação do anjo como a de Isabel fazem referência a Deus e a Jesus: *dominus tecum e benedictus fructus ventris tui.* Porque não pronunciar o nome venerável de quem é proclamado bendito, Jesus, logo a seguir? Já que se pronuncia, porque não recordar quem foi, o que disse e o que fez, tanto mais que não se pode entender Maria e a sua função na história da salvação, sem referência a seu filho, Jesus Cristo? Não é possível determinar, com rigor, o momento da história, em que entraram, nesse saltério mariano, os mistérios da vida de Cristo. Sabemos apenas que os cistercienses já se

[2]DUVAL André, Rosaire, in *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*, T. XIII, col. 941-942.
[3]Ibidem. São as vias purgativa, iluminativa e unitiva.

punham a questão nos finais do século XIII, herdeiros da espiritualidade beneditina que dava extrema importância à contemplação desses mistérios[4]. Sabemos ainda que, por 1430, um noviço cartuxo completava a ave-maria desta maneira: bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *que fez isto ou aquilo, suportou isto ou aquilo*, e que ia, assim, percorrendo os vários passos da vida de Cristo, segundo os evangelhos. Comunicou a devoção aos companheiros e, rapidamente, a ideia luminosa do noviço propagava-se de convento em convento. Daí à estruturação dos mistérios, em três partes, correspondentes aos três terços[5] das 150 ave-marias, era um passo. A difusão da recitação do rosário, pela Europa fora, como forma habitual de oração, deve-se, depois, aos padres dominicanos. Os quinze mistérios, repartidos pelas três partes do rosário, como os conhecemos hoje, aparecem mais tarde em Itália, por 1480.

Curiosamente, um dominicano, de nome Félix Fabri, dividiu os temas de meditação sobre a vida de Cristo, não em três conjuntos, mas em quatro, para não ficarem de fora os mistérios da vida pública, nomeadamente o baptismo do Senhor, as tentações no deserto, a escolha dos discípulos, a doutrina e os milagres, e a instituição da eucaristia[6]. Os outros já se chamavam, nas confrarias de Veneza e de Florença, mistérios *gozosos*, *dolorosos* e *gloriosos*. Recentemente, há cerca de um ano, o Papa João Paulo II propunha, na carta pastoral *Rosarium Virginis Mariae*, para além da vida oculta, da paixão e da ressurreição, a meditação da vida pública de Jesus, na recitação do rosário, em cinco mistérios: o baptismo do

---

[4]Ib., col. 943.

[5]O terço podia chamar-se coroa. O conjunto das 150 ave-marias significava como que uma coroa de rosas que se colocava na cabeça da Virgem Senhora. Italianos e franceses, pelo menos, mantiveram a designação primitiva: corona e chapelet (diminutivo de chapel ou chapeau – coisa que se põe na cabeça). *Rosarium* significa, por outro lado, em latim, jardim de rosas ou roseiral.

[6]Ib., col. 955

Senhor, as bodas de Caná, o anúncio do reino, a transfiguração e a instituição da eucaristia. A inspiração vem, provavelmente, dos finais do século XV. São os mistérios *luminosos*, que a tradição mais antiga não esqueceu.

Desde os seus humildes começos, na tradição beneditina e cisterciense, a recitação repetitiva da saudação do anjo foi tomada como ajuda à contemplação, a que os monges se dedicavam. O Papa João Paulo II acentua, na carta pastoral citada, que o Rosário *é uma oração marcadamente contemplativa*, e cita Paulo VI: *Sem contemplação, o Rosário é um corpo sem alma e a sua recitação corre o perigo de tornar-se uma repetição mecânica de fórmulas e de vir a achar-se em contradição com a advertência de Jesus: "Na oração não sejais palavrosos como os gentios, que imaginam que hão-de ser ouvidos graças à sua verbosidade" (Mt 6, 7). Requer um ritmo tranquilo e uma certa demora a pensar, que favoreçam, naquele que ora, a meditação dos mistérios da vida do Senhor, vistos através do Coração d'Aquela que mais de perto esteve em contacto com o mesmo Senhor, e que abram o acesso às suas insondáveis riquezas; a partir da experiência de Maria, (o rosário) é uma oração marcadamente contemplativa* (RVM, 12). Em três aspectos, principalmente:

1. A sua dimensão cristológica: o Rosário, de facto, ainda que caracterizado pela sua fisionomia mariana, no seu âmago é oração cristológica (*RVM, 1*). Se o *Psalterium Viriginis Mariae* fosse apenas, nos começos, uma evocação dos louvores a Maria, a sua evolução normal acabou por centrar a atenção daquele que ora nos mistérios da vida de Cristo, a partir sobretudo do século XIV, com a nova espiritualidade da *Devotio Moderna*. Cada um desses mistérios funciona à maneira de ícone (*RVM, 9*), que fixa a atenção de quem reza, no rosto de Cristo: *Fixar os olhos no rosto de Cristo, reconhecer o seu mistério no caminho ordinário e doloroso da sua humanidade,*

até perceber o brilho divino definitivamente manifestado no Ressuscitado glorificado à direita do Pai, é a tarefa de cada discípulo de Cristo (*RVM, 15*).

A contemplação cristã tem muitas formas e matizes; chamemos meditação contemplativa ou contemplação meditativa a uma delas, onde a imaginação ocupa lugar importante: ver a cena evangélica, ouvir o que dizem os personagens, sentir o que sentem; colocar-se dentro da cena como protagonista ou, pelo menos, como participante activo nela: ver os acontecimentos, reagir como estando presente e deixar que o coração fale. Pode ser uma contemplação silenciosa de quem simplesmente olha e saboreia *o brilho divino manifestado* na carne do Filho de Deus. Tornar-se conforme à imagem de Cristo, ou ser imagem idêntica à dele (Cf Rm 8, 29) é proposta para todo o cristão. Além da acção do Espírito Santo, que gera e forma o Cristo em nós, a maneira tradicional de caminhar para essa meta é a de meditar e contemplar, passo a passo, os mistérios da sua vida. *No itinerário espiritual do Rosário, fundado na incessante contemplação – em companhia de Maria – do rosto de Cristo, este ideal exigente de configuração com Ele alcança-se através do trato, podemos dizer, "amistoso". Este introduz-nos de modo natural na vida de Cristo e como que nos faz "respirar" os seus sentimentos* (*RVM, 15*).

2. A repetição quase mecânica das ave-marias do rosário atrapalha algumas pessoas, na contemplação do mistério. Era preciso entender a pedagogia da oração repetitiva que tem raízes no oriente cristão e se assemelha, de certa forma, *à oração do coração* (*RVM, 5*). As ladainhas também são desse tipo, muito apropriado para o povo de Deus na sua generalidade, que responde, de alguma forma, às capacidades e limitações de cada um, no âmbito do pensamento e da concentração. Toma-se, então, uma frase simples e curta, em discurso directo, com forma de oração, e repete-se muitas vezes

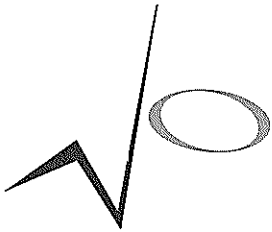
essa mesma frase. A repetição funciona aqui à maneira de melodia, que pacifica e gera silêncio no coração. Não tem que ser dada, sequer, atenção específica ao significado lógico de cada uma das palavras que se pronunciam, mas sim deixar que se faça silêncio por dentro, como quando se ouve uma música, se admira uma pintura ou se contempla uma paisagem. O silêncio é mesmo, então, apetecível. O quadro a contemplar é, neste caso, uma cena do evangelho; a música é dada por uma cantilena suave, em que se repetem as saudações e os louvores a Maria.

Não é fácil a conjugação das duas coisas. É aconselhável, por isso, a quem se queira assinalar no progresso espiritual, que medite e contemple os mistérios da vida de Cristo, em si mesmos, como quem faz uma *lectio divina*, além do rosário. Que os medite e contemple um por um – não todos necessariamente – acompanhando, por exemplo, a liturgia do ano, ou seleccionando, talvez, os que mais o movam por dentro. Se o fizer, a melodia do rosário será outra, complementar e não menos profunda, porque ruminada e internamente saboreada, e pela razão que vem a seguir.

3. *A contemplação de Cristo tem em Maria o seu modelo insuperável (RVM, 10)*. O evangelista S. Lucas fez questão em dizer, uma vez, que *Maria se admirava com o que diziam de Jesus* (Cf Lc 2, 33), e duas, que *guardava todas estas coisas e as ponderava no seu coração* (Cf Lc 2, 19 e 51). Podemos suspeitar que o fez muitas vezes. O mistério estava nela e desenrolava-se fora dela, em Jesus. Sabendo como acolheu esse mistério e como se disponibilizou para ele, é lícito supor quanto lhe ardia o coração para o conhecer melhor, nos acontecimentos da vida de seu Filho. Por vezes não os entendia (Cf Lc 2, 50), mas sabia que a Deus nada passa despercebido, e que alguma coisa haviam de querer dizer. Ia fazendo, ao longo da vida, a leitura espiritual dos acontecimentos, para entender

e saborear, neles, o que Deus lhe queria dizer a ela e a todos os homens. O seu olhar interior está fixo no mistério, sem outros interesses que o desviem. É, por vezes, *interrogativo*, como em Jerusalém, quando o Menino se perdeu no Templo (Lc 2, 48); é *penetrante*, como nas bodas de Caná (Jo 2, 5); é *doloroso*, sobretudo junto à cruz (Jo 19, 26-27); é *gozoso*, pela alegria da ressurreição, e *ardente* pela efusão do Espírito Santo, no dia de Pentecostes (*RVM, 10*).

O rosário convida-nos a contemplar os mistérios da vida de Cristo, através do olhar de sua Mãe. Esse é de acolhimento e acatamento do mistério de Deus, de surpresa e de espanto, de dúvidas e de interrogações, de muita dor e de muita alegria e, sobretudo, de muito amor. Alegra-te, Maria, porque foste inundada pelo favor divino. O Senhor está contigo; és bendita entre as mulheres e é bendito Jesus, o fruto das tuas entranhas. Intercede por nós, pecadores, junto de teu Filho e do Pai, agora e na hora da nossa morte.



A ORAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL E SOCIAL: o Rosário na dinâmica espiritual e social do catolicismo

Dr. António Matos Ferreira
Historiador, Professor da U.C.P. e da F.L.U.L.

Praticamente em todos os universos culturais e religiosos se pode encontrar expressões orantes assentes em dinâmicas de repetição, de oralidade ritmada, onde o gesto físico e psíquico envolve o indivíduo num processo circular. Tal movimento proposto pretende conduzir à divindade a centralidade devocional e contemplativa, como acto de relação e de interioridade, mais ou menos desenvolvido. Certos métodos formais dessas práticas têm a ver com aspectos manuais, assentes numa contagem digital (por exemplo os dez dedos das mãos, ou vinte tomando o conjunto dos dedos do corpo), mas também noutras fórmulas saídas do ritmo solar ou lunar, que pretendem ritmar e disciplinar os actos de piedade, de busca de harmonia entre o indivíduo e o universo, entre o crente e o sagrado[1].

[1]Sagrado no sentido de mistério, de numinoso, tal como refere Rudolf Otto – Le sacré: l'élément non-rationnel dans l'idée du divin et sa relation avec le rationnel. Paris: Payot, 1969.

No cristianismo gerou-se uma atitude – uma dinâmica orante – fundada também neste tipo de procedimentos, quer como herança das práticas dos ritos religiosos anteriores nos quais se foi vazando a sua experiência, quer através de uma reelaboração de orações que ganharam posteriormente uma especificidade própria. A oração do rosário é um exemplo desse processo. As suas origens resultam da convergência de vários elementos que ganharam no Ocidente, em particular, uma determinada configuração.

1 – Aspectos da história do rosário.

Antes de mais, o surgimento e o desenvolvimento do rosário arrancaram da integração pessoal de uma dinâmica orante, saída do ambiente contemplativo monástico e proposta, de forma extensiva, a todos. Enriqueceu-se, como forma de oração, ao centrar-se na referência à salvação em Jesus, mediada por Maria (a Virgem Maria, a Nossa Senhora). Assim, o rosário como oração estruturou-se sugerindo ao crente a meditação sobre os principais passos da vida de Jesus, mas centrado na piedade mariana. Da repetição de determinadas orações, o rosário paulatinamente foi-se constituindo como meio de contemplar e meditar sobre a vida de Jesus, e na qual Maria surge como intercessora, tornando-se por excelência uma forma de oração largamente comum aos fiéis. Este processo constitutivo foi longo, estendendo-se por vários séculos, correspondendo a momentos precisos de reelaboração da experiência cristã na sua envolvência sociocultural e mental. Dois aspectos importantes podem ser exemplificados para se compreender melhor este processo de elaboração da experiência cristã: um, em torno da cruz e do sofrimento de Jesus, e um outro, em torno da evocação de Nossa Senhora como medianeira e protectora.

Foi a partir do século IV, no momento em que o cristianismo adquiriu liberdade pública de culto e, progressivamente se tornou religião cívica do império, no

período que vai de 313 a 380, que a cruz[2] – como instrumento de suplício de Cristo – se tornou paulatinamente objecto de veneração e de culto, sendo na Alta Idade Média expresso pela multiplicação das relíquias do Santo Lenho. Foi, contudo, a partir do século XI, que a representação da cruz como crucifixo – como pregação de Jesus na cruz – se foi tornando objecto de devoção, passando a ter lugar no altar das igrejas. Tratou-se, num momento importante de reforma religiosa – a reforma gregoriana[3] –, do estabelecimento de um programa devocional que pretendia sublinhar a centralidade de Jesus, na sua dimensão sacrificial[4], associando-se a tal desiderato a perspectiva da sociedade como *Corpus Christi*[5] e, consequentemente, a de uma disciplina sacerdotal, assente numa certa configuração da relação entre autoridade eclesiástica e o corpo dos fiéis, simultaneamente membros da Igreja e da sociedade – *a Christianitas* –, com particulares implicações no culto eucarístico[6].

A constituição da Avé-Maria como imploração à Virgem Maria ilustra também um processo similar de definição do espaço mental e espiritual da cristandade ocidental.

---

[2]A tradição afirma que Santa Helena, mãe de Constantino, teria encontrado em Jerusalém a verdadeira cruz na qual Jesus fora morto, aquando dos trabalhos para a construção da basílica do Santo Sepulcro, no ano de 326.

[3]Importa considerar a relação estreita entre este processo de reforma estendido a toda a cristandade ocidental e as suas raízes monásticas, nomeadamente a partir de Cluny.

[4]A esta dimensão sacrificial juntam-se as devoções ao *preciosíssimo sangue de Jesus*, ao lado trespassado, através das quais se procura estabelecer uma relação entre o sofrimento salvífico de Jesus e o sacrifício quotidiano dos crentes.

[5]Cf. Miri Rubin – *Corpus Christi: the eucarist in late medieval culture. Cambridge*: Cambridge University Press, 1991.

[6]Importa sublinhar, em relação a este culto eucarístico, o desenvolvimento doutrinal em torno da Eucaristia a partir do século XI, nomeadamente com Pedro Lombardo e, no IV Concílio de Latrão (1215), a valorização da transubstanciação, bem como a definição da disciplina da prática religiosa obrigatória, extensiva a toda a Cristandade ocidental, assente na confissão e na comunhão anual pela Páscoa.

Constituída por três versículos de evocação: dois de referência evangélica – *Avé-Maria cheia de graça o Senhor esteja convosco* (saudação do anjo Gabriel), *Bendita sejais vós entre as mulheres e bendito o fruto do vosso ventre, Jesus* (saudação de Isabel a Maria); a que se juntou uma oração litúrgica de intercessão e de protecção, originária no Oriente desde o século IV e que se divulga como oração pessoal a partir do século XI no Ocidente – *Santa Maria Mãe de Deus, rogai por nós agora e na hora da nossa morte.* De certo modo, estamos diante de vários estratos correspondentes ao desenvolvimento do culto mariano. A Avé-Maria funcionando como um todo é atestada só no século XV, tornando-se a principal oração à Virgem, e ganhando maior relevância com a implementação da prática do *Angelus*[7].

Considerado, agora, o aspecto mais formal do rosário, deve atender-se ao facto de que a existência de conta-orações está presente em diversas tradições religiosas, persistindo até hoje, por exemplo, também entre os muçulmanos. É atestada no cristianismo em torno do século XII, com a forma de um enfiamento em coroa de grãos, designado como Pai-nosso, pois destinava-se à recitação de um determinado número de Pai-nossos, transitando daqui para se constituir como uma coroa simbolizando a piedade marial associada, desde essa época, à coroa de rosas. A distinção entre terço e rosário tem a ver com o número de Avé-Marias, cinquenta ou cento e cinquenta, que repectivamente implicava a sua recitação. A estas modalidades juntou-se também a tradição monástica da recitação de

[7]*Angelus Domini* corresponde à saudação do anjo a Maria, o anúncio da encarnação de Deus. Tornara-se uma oração que ritmava o quotidiano das pessoas no passado através do toque dos sinos e que era constituída pela recitação de três Avé-Marias em honra da Virgem. Definindo uma temporalidade sagrada, inicialmente era uma oração da noite, mas, a partir dos finais do século XV, passou a ser recitada de manhã, ao meio-dia e ao final da tarde. Tal desempenho no ritmo da vida das sociedades permite considerar aquilo que alguns designam como a *vida marcada pelos sinos da igreja [da aldeia].*

salmos, onde por vezes se fazia a sua substituição pelo Pai-nosso e, depois, pela Avé-Maria. Inicialmente, o rosário arrancou desta conjugação de modalidades diferentes de oração, e só nos finais do século XIV e início do XV é que na Inglaterra, onde este se encontrava largamente difundido, se generalizou a divisão em quinze dezenas, separadas por quinze Pai-nossos.

Efectivamente, a elaboração deste conjunto variado de elementos que compõem ou que estão associados à oração do rosário ou do terço: a ave-maria; a salvé-rainha[8]; o *Angelus*, etc.; bem como, a dimensão sacrificial da cruz correspondeu a um longo processo de ordenação devocional, no qual transparece um percurso de desenvolvimento da vida espiritual no Ocidente, com destaque para a definição do território específico do catolicismo[9].

Hoje, conhece-se a importância do dominicano bretão Alain de la Roche na implementação e difusão do rosário. Acreditando ter sido investido pela Virgem Maria para tal missão, a partir de uma visão que tivera cerca de 1470, este frade empenhou-se a divulgar tal maneira de rezar, tendo para isso difundido também a história que São Domingos recebera

[8]A Salve-Rainha, oração litúrgica à Virgem Maria, introduzida por Adhémar de Monteil, bispo de Puy (1079-1098), foi divulgada como oração diária desde o século XII em ambiente monástico, nomeadamente entre clunicenses e cistercienses, e no século XIII pelos franciscanos e dominicanos. O breviário de Pio V (1568) colocou a sua recitação após completas no período entre a festa da Santíssima Trindade e o tempo do Advento. Está-se diante de um outro exemplo demonstrativo do desenvolvimento do culto mariano e deste na definição do campo devocional tipicamente católico.

[9]O mundo protestante, saído da reforma religiosa do século XVI, no seu programa iconoclasta e de esvaziamento do sistema devocional considerado como *falsidade*, manteve a cruz como símbolo, não do Cristo sofredor mas da sua ressurreição, daí ser apresentada enquanto tal sem a imagem de Jesus, ao mesmo tempo que cultivou a recitação e o canto dos salmos e de cânticos bíblicos, de certa forma, esvaziando outras referências devocionais que o cristianismo medieval ocidental transportava.

da Virgem a missão de divulgar o rosário e de estabelecer as confrarias a ele associadas[10]. De qualquer modo, pode considerar-se que a divulgação do rosário está ligada à cristianização intensiva no final da Idade Média, em torno da valorização das indulgências, onde a salvação ganhava contornos de maior individualização; isto é, colocava-se, de modo mais convicto, o problema do destino de cada um em face da morte e do Juízo final. Neste sentido, pode considerar-se que o rosário corresponde a uma prática religiosa que apresenta uma forte componente individual.

Contudo, a fórmula precisa da oração do rosário, só depois do Concílio de Trento, e no século XVII, terá ganho a estabilidade formal com que chegou aos nossos dias, tornando-se por essa época na devoção católica mais popular. Tal afirmação devocional está associada à criação da festa do Santo Rosário, estabelecida aquando da vitória de Lepanto, a 7 de Outubro de 1571. O mundo católico unira-se então ao papa dominicano Pio V para obter, através das graças da recitação do rosário, a intercessão da Virgem Maria na vitória contra os turcos. Ao ordenar a comemoração da batalha, aquele pontífice promoveu a instituição da festa de Nossa Senhora das Vitórias que, posteriormente, Gregório XIII, em 1573, estabelece como celebração, sob a designação de festa do Rosário, em cada primeiro domingo de Outubro, em todas as igrejas com capela dedicada ao rosário. Tal procedimento contribuiu para um maior incremento das confrarias do rosário e da invocação a Nossa Senhora do Rosário.

Nos séculos seguintes, a devoção ao rosário tornou-se ainda mais uma forma de oração popular, no contexto das missões internas. Através do rosário propunha-se a contemplação dos mistérios salvíficos, constituindo-se um importante meio de reprodução dos principais elementos da fé

[10]Jean Delumeau – *Rassurer et protéger: le sentiment de sécurité dans l'Occident d'autrefois*. Paris: Fayard, 1989, p. 389-396.

cristã, ganhando assim uma certa operacionalidade catequética, sublinhada também através da pregação[11].

2 – O rosário e a reelaboração do catolicismo contemporâneo.

Este incremento da oração do rosário prosseguiu num contexto de individualização e de centralidade da consciência como horizontes de vivência na sociedade contemporânea. Foi esta problemática cultural e civilizacional que conduziu à questão da identidade católica na sociedade moderna; e, de certo modo, pode considerar-se ter sido esta questão que intensificou o rezar do rosário, em condições distintas das épocas anteriores, manifestando embora continuidades profundas no plano religioso, no interior de determinada economia devocional, no quadro do chamado catolicismo integral[12].

A oração do rosário surge assim profundamente associada à definição de um determinado modo de ser católico no final do século XIX e que, em grande medida, se manteve como predominante até ao II Concílio do Vaticano (1962-1965). Hoje em dia, encontram-se formas muito mais diversificadas de oração, que constituem sucedâneos à dinâmica do rosário; contudo, ela permanece como prática de uma larga percentagem

---

[11]Para o enquadramento geral desta problemática ver Eugénio dos Santos – Les missions des temps modernes au Portugal. In *Histoire vécue du peuple chrétien*. Direcção de Jean Delumeau. Toulouse: Privat, 1979, tomo 1, 431-455. Como exemplo da função da pregação no quadro das missões internas no período tridentino ver Manuel Clemente – Motivos tridentinos da nossa religiosidade popular: a pregação de Frei António das Chagas (a partir da sua biografia, escrita pelo Padre Manoel Godinho). *Estudos Contemporâneos*. 6 (1984) 61-74. Ou ainda, para uma análise mais global sobre a dinamização religiosa nos séculos que se seguem ao Concílio de Trento, é esclarecedor o estudo de François Lebrun – *Croyances et cultures dans la France d'Ancien Régime*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

[12]Cf. António Matos Ferreira – A Igreja Católica em confronto com o liberalismo. In CURSOS INTERNACIONAIS DE VERÃO DE CASCAIS, 9, 2002 – *Actas: As Igrejas e o Estado em Portugal.*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais; Instituto de Cultura e Estudos Sociais, 2003, vol. 3, p. 17-27.

Esse modo de ser católico caracterizava-se, antes de mais, pela centralidade do ultramontanismo enquanto expressão de uma organicidade específica da Igreja Católica e desta na sua relação com a sociedade. O ultramontanismo previa-se através de três elementos, sendo o primeiro e mais comummente apontado, a afirmação da autoridade do papa como factor de identidade e mobilização católicas, assente numa legitimidade para além do Estado e sublinhada pela proclamação dogmática da infalibilidade pontifícia (1869). Outra característica desta posição dizia respeito à valorização das congregações religiosas como expressão da liberdade e autonomia da Igreja no seio da sociedade liberal, destacando assim a organicidade própria do catolicismo. E, em muitas destas congregações, a oração do rosário constituía uma prática que caracterizava também a oração própria da vida religiosa consagrada. E ainda, um terceiro aspecto desta sensibilidade do catolicismo integral, em face da modernidade contemporânea, residia na conjugação, por um lado, da herança intransigente de condenação do mundo moderno – patente em proclamações como o *Syllabus e Quanta Cura de Pio IX*, ou ainda e mais tarde, a condenação do modernismo por Pio XI –, e, por outro lado, do programa de *regeneração social* identificado como *restauração católica*, expresso na *Rerum Novarum* e na política de *ralliement* de Leão XIII.

O catolicismo integral visava essencialmente ter uma base popular: isto é, disputar no terreno da sociedade civil a autonomia e a autoridade da Igreja Católica em relação ao Estado e às forças políticas consideradas anti-religiosas e laicizadoras. O conjunto destes elementos, interagindo, constituiu a base ideológica e prática em torno da qual se definiu e defendeu o campo católico na sociedade liberal, *visto que só a religião, como dissemos a princípio, é capaz de arrancar o mal pela raiz, lembrem-se todos de que a primeira coisa a fazer é a restauração dos costumes cristãos, sem os quais, os meios mais eficazes sugeridos pela prudência humana serão pouco aptos para produzir salutares resultados*, assim se pronunciava Leão XIII, a 15 de Maio de 1891, na sua célebre encíclica *Rerum Novarum*.

Neste contexto, propunha-se aos católicos o acatamento e a colaboração com os governos instituídos na sociedade, reconhecendo neles a sua natureza imprescindível mas mutável, ao mesmo tempo que se preconizava o dever dos católicos em organizar-se e intervir em ordem à efectivação de legislação que configurasse os interesses da religião expressos pela doutrina cristã e pela Igreja Católica, tal como foi expresso pelo mesmo pontífice na sua encíclica *Au milieu des sollicitudes*, de 16 de Fevereiro de 1892, dirigida à Igreja Católica em França. Este ambiente católico não se confinava a posições ideológicas de natureza reactiva ou a determinadas formas organizativas e de acção, mas estava articulado com um programa devocional que alargava o envolvimento dos católicos para além das elites eclesiásticas e laicais, procurando um maior enraizamento popular. O conjunto destes elementos fazia parte de um todo, onde tinha expressão um determinado universo devocional, referido e potenciado por uma piedade onde a oração do rosário surgia como importante; isto é, um programa que religiosamente se entendia como popular.

Este programa devocional, factor de mobilização católica centrada na devoção popular mas simultaneamente alargada aos vários estratos sociais, era composto por três núcleos fundamentais: a devoção ao papa, o culto mariano e culto eucarístico, que ficaram conhecidos como a *devoção das três rosas brancas*[13]. Tal dinâmica

[13]Esta designação, retirada de um opúsculo de Mons. Ségur – *As três rosas dos escolhidos* – recomendado por Leão XIII em 1879, decorria da referência aos *maiores motivos devocionais da época: o Papa, a Virgem Maria e a Eucaristia*, como aponta Manuel Clemente – A vitalidade religiosa do catolicismo português. In *História Religiosa de Portugal*. Direcção de Carlos Moreira Azevedo. Volume 3: Religião e secularização. Coordenação de Manuel Clemente e António Matos Ferreira. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 115. Pode citar-se como esclarecedor do significado identitário de tal programa devocional, o prefácio do Conde de Samodães, tradutor em português desta obra apologética francesa: *Estão aí os caracteres distintivos e essenciais, e por todos eles ou por qualquer se pode aferir se alguém é ou deixa de ser católico [...] E hoje que tanto se debate a questão entre o que é ser católico ou deixar de o ser, escusamos de ir procurar outros sinais: aqui os temos definidos, característicos, indisputáveis, por onde se pode aferir, sem receio de errar, o ouro do fingido* (p. 7).

devocional era envolvida por uma espiritualidade de reparação, onde o sofrimento deveria conduzir a uma identificação com Cristo. Isto é formulava-se uma identidade, em grande medida, construída a partir de uma *consciência de perseguição* (martírio - militância) à religião e à Igreja; e, também, por uma eclesiologia que reforçava a perspectiva de *auto-suficiência* da Igreja Católica, como *sociedade perfeita*, tal como fora formulada desde o Concílio de Trento e sublinhada no contexto do I Concílio do Vaticano. Nesta perspectiva integrava-se o dogma sobre a infalibilidade papal (1870), em contraposição à sociedade dominada pelas forças anti-religiosas, mimetizando assim como que um *jacobinismo* eclesiástico de funcionamento e conferindo uma dimensão holista às dinâmicas mobilizadoras que emergiam, como seja um apostolado que visava o todo social.

Associada a esta compreensão e representação da realidade, surgia a centralidade conferida à Eucaristia, própria da sociabilidade católica, donde se destacava a representação da sociedade como um todo orgânico - como corpo. A devoção eucarística constituía também uma forma de mobilização nacional e internacional, nomeadamente através da realização dos Congressos Eucarísticos, e conduzia à valorização da prática religiosa, em particular do preceito dominical. O culto eucarístico funcionava simultaneamente como forma de identidade, em contraponto ao culto protestante centrado na Bíblia, e de enquadramento sócio-religioso, pois a comunhão pressupunha a confissão, bem como a ritualização social em relação às crianças e jovens através do incremento da primeira comunhão e da comunhão solene[14], disputando assim novas sociabilidades em relação à escolaridade, ao trabalho ou ao serviço militar. Neste contexto, importa sublinhar também o entendimento da oração que conduzia à intervenção

[14]E, em particular a atenção para com a comunhão das crianças, teve no pontificado de Pio X forte incremento. Sobre esta problemática cf. *La première communion: quatre siècles d'histoire*. Direcção de Jean Delumeau. Paris: Desclée de Brouwer, 1987.

organizada, uma intervenção restauradora de uma ordem social, de que era exemplo o Apostolado da Oração.

O culto mariano, intimamente associado a todos estes aspectos devocionais, surgia como espaço de confluência de formas diversas de piedade em torno das aparições oitocentistas, de modelos de oração como o rosário, de um universo imagético depositário, em grande medida, de tradições e elementos doutrinais. E, de forma não menos relevante, permitia também uma significativa diferenciação do catolicismo em relação ao mundo protestante. O conjunto destes elementos, interagindo, constituiu a base ideológica e prática em torno da qual se definiu efectivamente o campo católico, e que teve como etapas significativas a proclamação dos dogmas da Imaculada Conceição (1854) com Pio IX e o da Assunção (1950) com Pio XII. Neste contexto, interessa referir ainda o facto de Leão XIII, em continuidade com o pontificado de Pio IX, ter encorajado a devoção ao Sagrado Coração pela consagração da humanidade, no ano jubilar de 1900, bem como as nove encíclicas dedicadas à Virgem Maria, das quais se destaca a que se refere ao rosário, onde se evidenciava uma sensibilidade de reacção ao racionalismo moderno, não só pela crítica a este, mas como proposição de uma vivência religiosa e espiritual, procurando assim sublinhar o primado da religião na sociedade.

Partindo deste último núcleo devocional, o rosário constituiu, no final do século XIX e ao longo do século XX, a constante referência mobilizadora da atitude orante dos fiéis católicos, pela sua natureza acessível a todos. Expressou-se, antes de mais, como a vivência da fé associada a uma prática religiosa «doméstica», como é o rezar do terço em família. Tal programa de vida religiosa encontra-se bem explícito no universo das aparições em Fátima – que trata efectivamente de aparições em torno da Nossa Senhora do Rosário – e no seu desenvolvimento posterior. Quer no contexto nacional, quer internacional, a relação com a mensagem de Fátima manteve,

e até potenciou, o rosário que, simultaneamente, permitia tornar presentes os aspectos principais da mensagem salvífica corporizada pelo cristianismo. A piedade popular e a dinâmica apostólica da Acção Católica constituíram, ao longo do século XX, pelo menos até ao II Concílio do Vaticano, instâncias que, claramente, privilegiaram e reproduziram insistentemente este modelo devocional.

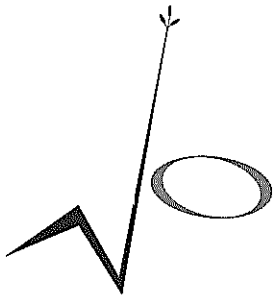
3 – A renovação da oração do rosário.

Como devoção, o rosário é uma tradição que penetrou em todo o mundo católico, nas mais diversas latitudes e culturas, mesmo quando relativizada por outras formas de piedade e de oração, se mantém associada a múltiplas iniciativas e caracteriza diversos envolvimentos participativos, nomeadamente de leigos – homens e mulheres –, que assumem a sua recitação nas várias comunidades e se organizam em torno desta dinâmica de piedade. A valorização da componente mariana na formulação da identidade católica contemporânea é, em grande medida, expressa e cultivada através da devoção do rosário. Secundarizando debates teológicos e as suas particularidades, impõe-se pela simplicidade das evocações, ao mesmo tempo que resguarda a dimensão de súplica e de intercessão, tão próprias dos universos religiosos em sentido mais amplo.

Colocado desde o início sob a protecção da Virgem Maria, o pontificado de João Paulo II tem nas últimas décadas sublinhado e valorizado esta devoção que, sendo mariana, pretende apontar também a centralidade redentora de Jesus Cristo. Este pontífice destacou sempre o seu forte arreigamento ao rosário ao afirmar: *desde a minha juventude, esta oração teve um lugar importante na minha vida espiritual*, evocando também o que dissera a 29 de Outubro de 1978: *O Rosário é a minha oração predilecta. Oração maravilhosa! Maravilhosa na simplicidade e na profundidade.* Percebe-se o hábito, por parte de João Paulo II, nos vários tipos de audiências que mantém,

de oferecer como lembrança sua um terço. Mas, para além deste pormenor, João Paulo II evidenciou, em muitas ocasiões, a importância, pessoal e para o conjunto da Igreja, desta forma de oração. Tal vontade está expressa na proclamação do Ano do Santo Rosário (de Outubro de 2002 a Outubro de 2003), como na reflexão simultânea que desenvolveu e propôs na sua carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (16 de Outubro de 2002), ao acrescentar aos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos, os mistérios luminosos (Mistérios da Luz) em torno da vida pública de Jesus. Sobre esta atitude pode dizer-se duas coisas: por um lado, quis completar nesta forma de oração a meditação do mistério salvador de Cristo na sua totalidade; por outro lado, acrescentou indiscutivelmente a esta forma de rezar uma sensibilidade cristológica que integra e valoriza a ressurreição, aspecto muito próprio de contemporaneidade católica, sublinhado quer pela teologia, quer pela espiritualidade. Pode considerar-se ainda que, atendendo ao significado histórico e antropológico dos mistérios luminosos, se pretendeu introduzir uma positividade na percepção da condição humana, apontando como destino – como horizonte de realização – a luz de Deus. Esta dimensão não só procura dialogar e confrontar as várias antropologias hodiernas, como se posiciona também em relação a outros universos religiosos que valorizam a luz e a iluminação na vida do crente, mantendo simultaneamente a historicidade da mensagem cristã, em torno de Jesus e de Maria, e uma percepção pessoal e orgânica da representação (tornar presente) da problemática da salvação na vida do crente.

Em suma, pode analisar-se este historial do rosário, na perspectiva da espiritualidade e da evolução das mentalidades, como uma forma de piedade que, intensificando a devoção a Maria, pretende colocar o crente diante do mistério da salvação, contribuindo também para definir com maior precisão o terreno católico numa época de inter-confessionalidade e ecumenismo.



O PRINCÍPIO MARIOLÓGICO E O MINISTÉRIO PETRINO EM JOÃO PAULO II

Prof. José Jacinto Ferreira de Farias, S.C.J
Teólogo, Professor da U.C.P.

I

Sem dúvida nenhuma que umas das facetas mais significativas do Pontificado de João Paulo II, do ponto de vista digamos assim da sua espiritualidade ou da estrutura do seu pensamento, é a sua perspectiva ou componente mariológica, bem expressa na proclamação *Totus Tuus*, que surge como mote e como emblema de toda a sua vida. A devoção mariana é, na verdade, uma das características da espiritualidade de João Paulo II, e que ele imprime em tudo o que diz e escreve, de tal modo que pode dizer-se que nele se torna realidade aquela afirmação, que remonta a S. Bernardo, segundo a qual nunca é demais falar de Maria: *De Maria nunquam satis*.

À primeira vista esta expressão poderia sugerir um excesso na consideração da importância da Virgem Maria na história da salvação, que de algum modo poderia abusivamente subalternizar o lugar de Jesus Cristo, tendo sido ao longo da modernidade esta uma das críticas mais frequentes do lado da

Reforma protestante, julgando eles que o *nunquam satis* comportaria a desfocagem do absoluto do princípio, já enunciado na Escritura, de que só um é o Mediador entre Deus e os homens.

Não será, no entanto, um mero acaso a verificação, do ponto de vista da história da evolução dos temas na modernidade, de como a posição exclusiva da Reforma, - a concentração no *Verbum*, no *solus Christus, sola gratia, sola fide* - operou um profundo desequilíbrio teológico, introduzindo brechas e lacunas incolmatáveis na compreensão harmoniosa e total da teologia no seu conjunto. Na verdade, a crítica da Reforma ao excesso do *nunquam satis* mariológica é apenas um dos aspectos da sua contestação e que arrasta consigo especialmente a eclesiologia e a compreensão da estrutura sacramental e ministerial da Igreja enquanto tal. Foi Balthasar que no séc. XX chamou a atenção para a natureza sinfónica da verdade e, por conseguinte, da teologia em geral, o que significa que basta a desafinação de uma simples nota para pôr em causa toda uma composição, e muito mais, naturalmente, se a desafinação se alargar a todo um andamento.

Se aplicarmos à teologia esta comparação ou metáfora musical, então havemos de dizer que uma lacuna ou uma omissão, consciente ou não, pouco interessa para o caso, num campo da teologia ou da experiência eclesial tem profundas implicações nos demais, sendo que um dos lugares mais sensíveis ou mesmo chave para o equilíbrio de todo conjunto - e aqui interessa-nos especialmente a questão eclesiológica e a teologia dos ministérios - é precisamente a mariologia. Evocando uma das expressões mais significativas de João Paulo II, é na *escola de Maria* que aprendem os crentes a ocuparem o seu devido lugar na Igreja; é na escola de Maria que se aprende a olhar de um modo claro e equilibrado todo o conjunto do mistério de Cristo. E porquê? Porque estar com Maria é deixar-se conduzir a Cristo que nos leva ao Pai; porque estar com Maria é estar com a Igreja, e assim a *escola de Maria*

é o lugar por excelência da aprendizagem da condição de discípulos.

II

Na modernidade, foi sobretudo Henri de Lubac, na sua obra *Méditations sur l'Église* quem de um modo verdadeiramente eloquente chamou a atenção para a relação entre a dogmática mariológica e o mistério da Igreja, já numa clara antecipação ao que no Concílio Vaticano II seria proclamado: que Maria é a figura excelsa da Igreja. De facto, se virmos bem, o que se passa na Virgem Maria é isso que se passa na vida e no mistério da Igreja, que, em continuação com ela, é *virgem e mãe*, sendo a Virgem Maria, na sua imaculada conceição e na sua assunção ao céu, o modelo e já a realização escatológica do *para onde* a Igreja se orienta e nela já está vitoriosa sobre o pecado e sobre a morte, na contemplação, na visão beatífica do mistério uno e trino. E não deixa de ser muito interessante notar como, na sua mais recente encíclica sobre a Eucaristia e a sua relação com a Igreja, João Paulo II chama a atenção para esta íntima relação entre mariologia e eclesiologia, sendo que, não apenas na Igreja em geral como *communio sanctorum et sacramentorum*, mas também em cada crente, se realiza o mistério e a missão de Maria na história da salvação, pois também em cada crente - e aqui está o que há de mais profundo e inefável na vivência da santidade - o Verbo de Deus deseja encarnar e ser dado à luz, e assim, numa dinâmica incarnacional continuada, já no plano da experiência mística, já no plano do testemunho da evangelização e da pastoral, de um modo analógico, pode aplicar-se também ao crente o princípio estruturante da *maternidade* divina de Maria, Mãe de Deus, porque esta é, essencialmente, a missão da Igreja, como sacramento de salvação que é, a de mostrar e dar à luz o Redentor do mundo, e também a missão de cada cristão que viva a sua vocação e missão de um modo consciente e responsável.

A importância desta disposição do lugar na história da

salvação podemos encontrá-la registada na Sagrada Escritura, onde encontramos as bases para uma teologia narrativa, ou seja, para nos reportarmos a um tema estruturante do pensamento de Balthasar, uma teologia que contempla a história da salvação como um *drama* onde os personagens, que assumem em si mesmos a *forma* ou *expressão* evocadora do alcance e do sentido do todo, mesmo na sua quase insignificância - porque se trata de servos *humildes* e *pobres*, como, aliás, a Virgem Maria reconhece e a si mesma se designa -, são intervenientes activos e tanto mais quanto estiverem *no seu lugar*.

O lugar da Virgem Maria, ainda antes e como condição da sua *divina maternidade*, é estar aí, na disponibilidade da escuta da Palavra do Senhor e de acreditar que, mesmo paradoxalmente, nela havia de realizar-se: *Bem aventurada és tu porque acreditaste que havia de se cumprir em ti tudo o que te foi dito da parte do Senhor!*... Assim se compreende a palavra enigmática e surpreendente do Senhor quando mais tarde declara que a Sua Mãe é sobretudo bem-aventurada por *acreditar*, precisamente porque aqui se encontra a condição prévia da sua maternidade, ou antes, o acto de fé da Virgem Maria perante a anunciação do Anjo é já o primeiro momento da sua maternidade, de modo que ela concebeu primeiro no seu coração, antes de isso acontecer no seu seio. Assim, quando, mais tarde, já na patrística, desde Sto. Ireneu, ela é proclamada como nova Eva e como Mãe de todos os viventes, e, nos nossos tempos, o Concílio Vaticano II a declara como a *figura excelsa da Igreja*, e, em analogia com a proclamação de Éfeso - *a theotokos* - (e por isso a Igreja reza: *Santa Maria, Mãe de Deus*...), Paulo VI a proclama *Mãe da Igreja*, esta divina maternidade reporta-nos precisamente para o campo da fé, como acto e como atitude que diz a condição dos discípulos, dos quais, mesmo sendo Mãe, é a primeira. Os discípulos do Senhor são *aqueles que crêem*, e isto é na *escola de Maria*, como recorda insistentemente João Paulo II, que verdadeira e

autenticamente se aprende, porque a *escola de Maria* é, na verdade, a escola *da* Igreja.

Ora, segundo os testemunhos da Escritura, poucos, mas suficientemente eloquentes, a grandeza e a importância da Virgem Maria na história da salvação está na sua fé, como base e como condição da sua divina maternidade, e nesta fé e nesta maternidade ela está aí, como *mulher* (já na boca de Jesus, sobretudo em S. João, já na pena de S. Paulo), para indicar o novo início, quase absoluto, de Deus na história, mas precisamente em representação de toda a nova humanidade, a nova Eva e a nova mulher, que é a Igreja, e isto, desde a figura da virgem *Filha de Sião* até à figura de mulher no apocalipse. Aí está representada a Igreja, mesmo na sua relação esponsal com o seu Senhor, o cordeiro imolado ainda antes da constituição do mundo. Usando uma imagem óptica, poderíamos aqui evocar o que acontece quando, na projecção de imagens, se sobrepõem quadros, porque, na verdade, do ponto de vista teológico, a Virgem Maria é a Igreja e a Igreja vive de Maria, *sendo quase* um único e mesmo mistério, salvas as necessárias distinções e a relação analógica dos conceitos.

E assim se compreende o que foi dito no princípio: que uma lacuna ou uma omissão na devoção a Maria, em termos da espiritualidade, ou na mariologia, em termos teológicos e conceptuais, não é indiferente e comporta sempre consigo um desequilíbrio teológico, com particular incidência na eclesiologia, e, por derrapagem, em todos os outros domínios.

III

Gostaria aqui de evocar um sugestiva simbólica, que remonta à antiguidade, mas que tem sido também utilizada na modernidade, que configura as diversas imagens da Igreja em torno dos grandes apóstolos, que se tornariam como que princípios estruturantes de noções eclesiológicas, quiçá marcadas por uma certa tensão entre elas. Teríamos assim uma Igreja petrina (e teríamos aqui o *magistério e o exercício da*

autoridade), uma Igreja paulina (e teríamos aqui a *teologia*, ou o serviço da investigação crítica da verdade), e uma Igreja joaniana (ou todo o tema da experiência mística como vivência cordial do amor e da caridade).

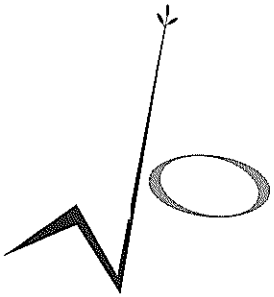
Além destas três configurações *apostólicas* da Igreja teríamos ainda uma quarta representada pela *Virgem Maria*, cuja divina maternidade virginal, como incarnação da fé levada até ao fim, poderia representar toda a fecundidade na geração dos filhos de Deus. Mas aqui teríamos, não propriamente uma dimensão, mas o princípio subjectivo de resposta e de acolhimento, e que diz o mistério e a condição de ser da Igreja enquanto tal.

A condição para que entre estas diversas configurações apostólicas da Igreja não funcionem entre si como pólos de tensão, como em alguns projectos eclesiológicos, à H. Küng, por exemplo, é que a *Mãe de Jesus* esteja com eles, como nos Actos se regista a propósito do acontecimento, ou sua expectativa, do Pentecostes, ou ainda, logo no início da vida pública de Jesus, nas bodas de Caná, ou que, o que se dá com o discípulo amado, aconteça também com os outros, que a Mãe de Jesus seja acolhida na própria casa, ou entre as coisas que lhe pertencem como suas.

João Paulo II pode ser com certeza apontado como um exemplo histórico de alguém que leva até às últimas consequências a condição joanina do discipulado, pois o seu lema - *Totus tuus* - pode ser entendido também como uma hermenêutica existencial da atitude do discípulo amado que toma a Mãe de Jesus como sua. E talvez seja por isso que o seu Magistério pontifício seja tão intensamente *petrino*, porque em primeira pessoa inteiramente assumido como o serviço de Pedro na confirmação da fé dos irmãos - coisa que desde o primeiro instante do seu pontificado João Paulo II nunca se cansou de fazer, até a este testemunho verdadeiramente admirável, de, mesmo na doença, na fragilidade e na velhice, continuar de pé ou mesmo em cadeira de rodas, a contagiar o

mundo com aquela força de alma que lhe vem de dentro, do fundo último do seu ser; e, ao mesmo tempo, um magistério pontifício tão intensamente *joanino*, como irradiação cordial de um amor que é mais forte que o ódio e que por amor perdoa e em nome de todos pede perdão, num esforço derradeiro de purificação da memória, para que a Igreja e o mundo se não esqueçam que o fundo último do seu ser é o *amor* que se revelou e se revela naquela *hora* na qual se dá, porque se deu, a redenção do mundo.

Pode dizer-se que João Paulo II vê toda a realidade, da Igreja e do mundo, a partir daquele lugar onde desde sempre se colocou: o regaço e o coração da Mãe, da qual é todo. É interessante registar que, embora se tenha pronunciado ao longo desde seu histórico pontificado - o pontificado que alterou o sentido e o ritmo dos acontecimentos do mundo - sobre todos os temas da teologia e da pastoral, não tenha dedicado nenhum documento à Igreja mesma enquanto tal. É que a Igreja é o horizonte transcendental de toda a sua intervenção pastoral, mesmo se não sistematicamente pensado, de uma intervenção (e vivência) que acontece no regaço e na escola de Maria. E é nesta escola que ele vive e realiza o seu ministério petrino, onde a coragem, a ousadia e a solidez da confirmação na fé, se alia à cordialidade e à primazia da caridade, que imprime a tudo o que faz e ao que diz um tom suave da verdade que é antes de mais um testemunho de vida, um apelo de comunhão na paz possível.



CRÓNICA

Tiago Neto

Terminámos a nossa última crónica sobre a vida do Seminário em vésperas da celebração anual do Mistério Pascal de Nosso Senhor Jesus Cristo. Como de costume, celebrámo-lo nas nossas respectivas Igrejas particulares, na companhia dos nossos bispos e de todo o povo cristão. Este acontecimento, central na nossa vida de cristãos, e na perspectiva do ministério que abraçaremos, marcou o ritmo e o dinamismo do último trimestre do ano lectivo de 2003/2004.

Neste período sucederam-se alguns acontecimentos que tanto a nível comunitário como diocesano tiveram uma importância singular na vida da nossa Igreja de Lisboa.

Assim, começarei por referir o nosso passeio anual, este ano pelo Alto Alentejo, no dia 1 de Maio. De Lisboa a Reguengos de Monsaraz, passando pelo Alqueva, reincu entre nós a alegria de mais um ano vivido em comunidade, a certeza de que a alegria que sentimos em estar juntos é sinal do projecto comum que queremos construir e a confiança de quem agradece as maravilhas da criação, tanto divina como humana. Sinal disto é, sem dúvida, o local mais emblemático que

visitámos: o cromeleque de Almendres[1]. A nossa passagem por aquele lugar, onde o passado permanece como um eterno presente e a vida parece permanecer escondida por trás de pedras erguidas, significou a certeza de pertencermos a uma herança antiga, da qual não somos meros depositários mas membros efectivos e operantes.

Antes do início da época de exames ocorreu a tradicional festa de finalistas, este ano preparada pelo curso D. António Ribeiro. Do jantar à exposição fotográfica, passando pela sessão cultural, tanto nós como a comunidade do Seminário de S. José, pudemos apreciar o empenho dos nossos irmãos do 5º ano no sentido de que tudo corresse pelo melhor.

Seguiram-se, então, duas grandes solenidades, a do Pentecostes e a da Santíssima Trindade. A primeira porque encerra o Tempo Pascal intensamente vivido e celebrado pela comunidade e também porque marca o termo de uma caminhada de muitos de nós com outros jovens para a sua celebração do Sacramento do Crisma; a segunda porque associou toda a Igreja de Lisboa em torno do seu Pastor, numa única festa celebrativa em Fátima – foi a peregrinação da Diocese no dia da Igreja Diocesana. Na verdade, esta peregrinação, marcou um dos pontos altos das várias celebrações do Jubileu Episcopal do Senhor Patriarca.

A nível comunitário, destaca-se também a revisão do ano numa avaliação que decorreu com alguma serenidade, apontando já para a programação do próximo ano lectivo.

Contudo, o grande acontecimento deste final de ano foi a Ordenação, no dia 29 de Junho, de quatro novos Padres da Diocese de Lisboa, formados neste Seminário, no dia do Jubileu Episcopal do Senhor Patriarca. Aos Padres novos, Pe. António José, Pe. Nuno Morais, Pe. Luís Barros e Pe. Rui

[1]Estima-se que este conjunto de monólitos, com formas e dimensões variadas, erigidos no Neolítico (V e IV milénios a.C.) ascenda a uma centena. O cromeleque de Almendres é o maior conjunto de menires da Península Ibérica e um dos mais importantes de toda a Europa.

Lourc, desejamos um ministério pastoral fecundo e feliz, na certeza da fé que nos abraça em Igreja. Do mesmo modo felicitamos o Pe. Ricardo Mónica e o Diác. Ricardo Madeira, oriundos da Diocese de Santarém, que também receberam o Sacramento da Ordem no final deste ano.

Depois da celebração das Ordenações houve um jantar de homenagem ao Senhor Patriarca pelos 25 anos da sua ordenação episcopal e por aquilo que ele significa para a Igreja de Lisboa e, mais concretamente, para o nosso Seminário.

A estes acontecimentos não podemos deixar de juntar também, a celebração das Ordenações na Diocese do Funchal. Felicitamos também os três novos Sacerdotes, Pe. Duarte Gomes, Pe. Marcos Pinto e Pe. Marcos Gonçalves que frequentaram o nosso Seminário até ao ano passado e que se encontram já ao serviço da sua Diocese.

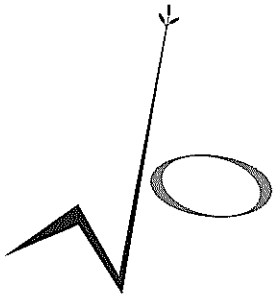
Terminada a época de exames e de avaliação do ano por cursos através de algumas actividades formativas e lúdicas, fomo-nos despedindo com votos de boas férias. Para alguns mais descansadas, mas para outros carregadas de significado e de esperança, como foi o caso das do agora curso de finalistas (Curso Cardeal Ribeiro) e do Sr. Pe. Tito. A sua viagem de fim de Curso transformou-se aos poucos, concretizando-se com êxito, numa actividade missionária na Guiné. Na verdade, durante um mês, este grupo dedicou-se às mais variadas tarefas: desde a preparação da Missa Nova do Padre Quintino, passando pelas aulas num curso missionário de Verão até às tarefas de secretaria num centro de saúde improvisado nas aldeias mais longínquas deste país africano, eles puderam testemunhar a realidade paradoxal da pobreza em que vive aquele povo, das consequências nefastas de uma guerra política mas também da humanidade verdadeira que a todos conquista e seduz.

Dos factos mais marcantes deste último trimestre passamos agora a uma *nuance* característica deste ano em toda a Igreja: a oração do Rosário. O convite lançado pelo Santo

Padre em Outubro de 2002 a vivermos unidos a Maria que nos conduz a Cristo, vendo nela o modelo pleno da contemplação do rosto do seu Filho, também constituiu para nós um desafio importante. De facto, depois de algumas sessões de esclarecimento e reflexão acerca da Carta Apostólica sobre o Rosário quisemos, concretizar os seus desafios e apelos. Estes verificaram-se não só na recitação comunitária do Rosário às Quartas-feiras, mas também, e sobretudo, pelo convite informal que formulámos uns aos outros ajudando-nos a amar e a praticar esta oração. O mês de Maio foi particularmente marcado pela recitação comunitária do Terço do Rosário, todos os dias, e pelo seu encerramento com o canto solene da secular oração do Akathistós.

Se o ano que terminou foi marcado pela Carta Apostólica atrás referida, a carta do Sr. Reitor que nos convoca para o novo ano em comunidade, no início deste novo ano, parte da recente Exortação Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa* do Papa João Paulo II Sendo uma catequese sobre o sacerdócio ministerial e as razões da sua pertinência na vida da Igreja e no mundo, o Sr. Reitor realça os números 34 e 35 e, referindo-se explicitamente aos sacerdotes, ou futuros – como é o nosso caso, destaca que eles são *chamados, em virtude do seu ministério, a celebrar, ensinar e servir o Evangelho da Esperança* (nº34).

Convocados pela Igreja, nas palavras do Sr. Reitor, reencontrámo-nos no dia 25 de Setembro para, em redor da Palavra de Deus e da Eucaristia, vivermos mais um ano em comunidade e assim perscrutarmos juntos a vontade de Deus sobre as nossas vidas.



TESTEMUNHO SOBRE OS GRUPOS DE PERSCRUTAÇÃO DA PALAVRA NO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS[1]

Todas as semanas, de seis anos a esta parte, quase todos os seminaristas, por sua livre vontade, se reúnem em quatro grupos de perscrutação e partilha da Palavra de Deus durante hora e meia com os Directores Espirituais, Pe. Luís Rocha e Melo e Pe. João Marcos.

Esta prática tem sido bastante importante na vida do seminário para enraizar a vida espiritual, alimentar a oração e cultivar a comunhão entre os seminaristas e indirectamente como ajuda para as suas actividades pastorais nas Paróquias, ao fim de semana. É unânime o reconhecimento, quer por parte da equipa formadora quer por parte dos alunos, de que esta prática da *lectio divina* alimenta discreta e eficazmente todos os aspectos da vida do seminário e ajuda a formar presbíteros mais preparados para aquilo que lhes pedirá a Igreja que se entende *como casa e escola de comunhão.*

A eclesiologia de comunhão, como se sabe, tem as suas raízes no *Movimento Bíblico,* e é sustentada por uma teologia

[1]Texto apresentado na Reunião de Vigários do Patriarcado de Lisboa em 3 de Dezembro de 2002.

bíblica e por uma espiritualidade bíblica que supõem um frequente contacto orante com a Escritura.

Para formarmos presbíteros aptos para a *Nova Evangelização* precisamos de cultivar, já nos seminários, a dimensão profética do ministério presbiteral. Quem se alimenta e vive da Palavra, e experimenta que a Palavra de Deus realmente se cumpre pode anunciá-la e proclamá-la com a convicção e a autoridade própria das testemunhas.

Este contacto orante com a Palavra desenvolve também nos seminaristas a dimensão sapiencial da vida, própria de uma certa maturidade indispensável a quem é colocado como presbítero à frente das comunidades cristãs. Ajuda-os também a encontrar o equilíbrio emocional e afectivo graças à *consolação que nos vem das Escrituras*, como diz São Paulo[2].

Na formação dos seminaristas, a *lectio divina* complementa o estudo científico da Sagrada Escritura realizado no curso de Teologia da Universidade Católica.

Damo-nos conta também de que a Palavra de Deus perscrutada e partilhada em grupo ajuda os seminaristas a saírem do seu isolamento, a superarem o seu individualismo e a superficialidade dos seus relacionamentos, determinados habitualmente pelas simpatias naturais e pelas conveniências imediatas. Com a mediação da Palavra cada um pode falar de si, dos seus problemas e das suas alegrias, e a vida comunitária é encarada, não como uma prova de percurso a superar com arte e manha, mas como uma graça e uma experiência feliz de autêntica vida cristã.

Estamos convencidos de que esta iniciação à *lectio divina* é uma pedra importante na edificação de presbitério diocesano.

Pensamos que estes futuros padres não terão dificuldade em continuar com esta prática orientada, por exemplo, para a preparação em comum das homilias, e para a oração em comum com os colegas com quem coabitarão ou de quem serão vizinhos. 

NO PRÓXIMO NÚMERO:

1700 ANOS DO MARTÍRIO DE S. VICENTE

